



Revista Archai
E-ISSN: 1984-249X
archaijournal@unb.br
Universidade de Brasília
Brasil

Goulet-Cazé, Marie-Odile
DOIS TRATADOS PLOTINIANOS EM EUSÉBIO DE CESARÉIA
Revista Archai, núm. 5, julho, 2010, pp. 11-28
Universidade de Brasília

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586161962002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DOIS TRATADOS PLOTINIANOS EM EUSÉBIO DE CESARÉIA¹

Marie-Odile Goulet-Cazé²

RESUMO: Eusébio de Cesaréia, na sua *Preparação Evangélica*, cita um longo trecho do escrito de Plotino ao qual Porfírio, na sua edição das *Enéadas*, intitulou “Sobre a imortalidade da alma” (IV. 7 [2]). Surpreendentemente, esse trecho citado por Eusébio (hoje em dia editado como os capítulos 8¹-8⁵ desse tratado) está ausente da edição porfiriana. Tentou-se explicar essa ausência de diversas formas: alguns estudiosos pensam que o texto citado por Eusébio seja um resquício da edição que Eustóquio fizera dos escritos de Plotino; outros, que ele provenha das cópias que Amélio teria levado à Apaméia. Este artigo tentará mostrar que não é possível sustentar a opinião de que o texto citado por Eusébio provenha de outra edição que não seja a de Porfírio e que a ausência desse trecho da edição porfiriana pode ser explicada por um acidente da tradição direta das *Enéadas*.

PALAVRAS-CHAVE: Plotinus, *Enéadas*, Eusébio de Cesaréia, *Preparação Evangélica*, manuscritos.

ABSTRACT: Eusebius of Caesarea, in his *Praeparatio Evangelica*, quotes a large piece of Plotinus’ writing to which Porphyry, in his edition of the *Enneads*, gave the title “On the Immortality of Soul” (IV. 7 [2]). Surprisingly, the piece quoted by Eusebius (now edited as chapters 8¹-8⁵ of that treatise) is absent from the Porphyrian edition. Some reasons for this absence have been adduced: some scholars think that the text quoted by Eusebius might be a trace of the edition of Plotinus’s writings made by Eustochius; others think that it might come from the copies Amelius carried to Apameia. This paper will try to show that the opinion that the text quoted by Eusebius come from an edition other than that of Porphyry is hardly defendable, and that the absence of such piece from Porphyry’s edition can be explained by an accident on the direct tradition of the *Enneads*.

KEYWORDS: Plotinus, *Enneads*, Eusebius of Caesarea, *Praeparatio Evangelica*, manuscripts.

1. “Deux traités plotiniens chez Eusèbe de Césarée” foi originalmente publicado em Cristina D’Ancona (ed.), *The Libraries of the Neoplatonists* (Philosophia Antiqua, volume 107), Leiden-Boston, Brill, 2007, p. 63-97. A tradução é de Loraine Oliveira e José Carlos Baracat Júnior. Agradecemos Marie-Odile Goulet-Cazé por gentilmente nos autorizar a traduzir e republicar seu artigo.

2. Pesquisadora do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique, Villejuif, França).

3. Porfírio os menciona, com efeito, dentre o grupo de tratados escritos por Plotino antes que ele mesmo tenha chegado à sua escola, em 263. Cf. o cap. 4 da *Vita Plotini* de Porfírio.

Os tratados dos filósofos neoplatônicos não permaneciam confinados em suas bibliotecas. Eles podiam circular de uma parte a outra do Mediterrâneo. Cristãos eventualmente tinham acesso a eles, tanto no Oriente como no Ocidente. Eunápio, cujos exageros costumeiros se fundavam sobre uma parte de realidade, chega a declarar que na sua época, nos primeiros anos do Vº século, as “massas” conheciam os escritos de Plotino ainda mais que as obras de Platão. Um dos testemunhos mais importantes da circulação desses tratados é Eusébio de Cesaréia. Três extratos emanando de dois tratados de Plotino: V 1 e IV 7 são, com efeito, citados por Eusébio na sua *Preparação evangélica* XI 17, XV 10 e 22. Podemos agora nos interrogar sobre o modo como esses dois tratados plotinianos puderam, de Roma, onde Plotino os havia redigido antes de 263³, chegar a Cesaréia da Palestina, onde Eusébio os tinha entre mãos no início do IVº século, quando compôs os livros XI e XV da sua obra. Mas essas citações suscitam um problema ainda mais interessante, pois dois desses extratos, os tirados de IV 7, estão hoje ausentes da tradição direta das *Enéadas*. Diversas hipóteses foram aventadas para explicar a origem dessas passagens: segundo alguns, esses extratos teriam sido tomados de empréstimo de uma edição dos tratados de Plotino anterior àquela de Porfírio;

segundo outros, Eusébio pôde utilizar um texto que remonta aos exemplares privados de um aluno de Plotino, Amélio, que havia emigrado para o Oriente antes da morte de Plotino; segundo outros, enfim, a ausência dessas passagens das *Enéadas* proviria de um simples acidente da tradição direta.

1. A hipótese de uma edição de Eustóquio.

A hipótese que foi por muito tempo aventada supõe que Eusébio tinha em mãos uma edição dos tratados de Plotino devida a um certo Eustóquio⁴, sem dúvida o médico que cuidou de Plotino até a sua morte em 270 e que era o único presente quando da morte do mestre (*V.P.* 2. 12, 23, 34; 8. 12). Fundamentou-se a existência dessa edição em um escólio à *Enéada* IV 4, 29. 55, e se supôs que Plotino, no momento da sua morte, pudera ter confiado a Eustóquio o cuidado de reagrupar todos os seus tratados e de editá-los. Eis o texto desse escólio conservado por certos manuscritos de três das grandes famílias de manuscritos das *Enéadas*: *w* (A, E), *x* (R, J) e *y* (C, M):

ἔως τούτου ἐν τοῖς Εὐστοχίου τὸ δεῦτερον περὶ ψυχῆς καὶ ἤρχετο τὸ τρίτον· ἐν δὲ τοῖς Πορφυρίου συνάπτεται τὰ ἑξῆς τῷ δευτέρῳ.

Ia até aqui nos (manuscritos) de Eustóquio o segundo tratado Sobre a alma e neste lugar começava o terceiro tratado. Nos (manuscritos) de Porfírio, ao contrário, o que segue está ligado ao segundo tratado.

Os tratados *Sobre a alma* em causa no escólio correspondem às *Enéadas* IV 3, 4 e 5; são tratados que foram redigidos por Plotino enquanto Porfírio estava em Roma, na sua escola, portanto entre 263 e 268 (*V.P.* 5. 20-25). O título que é dado a esses tratados em Eustóquio (Περὶ ψυχῆς) não é aquele imposto por Porfírio na sua própria edição. Este último, na tabela sistemática ao final da *Vita Plotini* 25. 16-21, no *Pinax* precedendo as *Enéadas* e nas *Enéadas* elas mesmas, encabeçando os tratados correspondentes, dá a esses tratados os títulos seguintes: Περὶ ψυχῆς ἀποριῶν πρῶτον (= IV 3), Περὶ ψυχῆς ἀποριῶν δεῦτερον (= IV 4), Περὶ

ψυχῆς ἀποριῶν τρίτον ἢ περὶ ὀψέως (= IV 5). Causa menos surpresa que o título de Eustóquio vá ao encontro daqueles da tabela cronológica da *Vita Plotini* (5. 20-25) onde lemos: Περὶ ψυχῆς πρῶτον, Περὶ ψυχῆς δεῦτερον, Περὶ ψυχῆς τρίτον ἢ πῶς ὀρῶμεν.

Desse escólio podemos tirar então várias conclusões:

– havia duas realidades literárias compa-ráveis que são postas aqui em paralelo: uma ligada ao nome de Eustóquio, outra ao de Porfírio;

– os títulos podiam ser diferentes nos dois conjuntos;

– certos tratados eram divididos diferentemente em Eustóquio e em Porfírio, pois o terceiro livro do Περὶ ψυχῆς, correspondente a IV 5, começava antes em Eustóquio do que em Porfírio. Na versão de Eustóquio, com efeito, o tratado IV 4 terminava no capítulo 29, o que fazia o tratado IV 5 começar no capítulo 30, enquanto que os capítulos 30 a 45 ainda fazem parte de IV 4 nas *Enéadas*⁵.

É legítimo a partir desse único escólio concluir uma edição de Eustóquio?

Lembremos que Porfírio não evoca nenhuma edição dos tratados de Plotino anterior à sua. Talvez ele considerasse que somente as *Enéadas* fossem uma edição digna desse nome e que apenas e unicamente ele era o editor de Plotino, incumbido pelo mestre. Com efeito, Porfírio relata que Plotino havia lhe confiado o cuidado de assegurar a ordenação e a correção dos seus livros e que ele havia prometido a Plotino, ainda vivo, realizar essa tarefa (*V.P.* 24, 2-3). Curiosamente, aliás, Porfírio só acabará esse trabalho de edição trinta anos após a morte de Plotino⁶.

Mas o escólio, pondo em paralelo ἐν τοῖς Εὐστοχίου e ἐν τοῖς Πορφυρίου, dá a entender que se trata de duas realidades literárias da mesma ordem, conhecidas por eventuais leitores. No caso de Porfírio trata-se, segundo toda verossimi-lhança, das *Enéadas*, pois a divisão evocada é aquela que se encontra na edição porfiriana e o escólio está conservado pela tradição direta das *Enéadas*. No caso de Eustóquio, tratava-se seja de uma verdadeira

4. Sobre a edição de Eustóquio, ver Goulet-Cazé, M.-O., "L'arrière-plan scolaire de la *Vie de Plotin*", em Brisson, L. et al., *Porphyre, La Vie de Plotin, I. Travaux préliminaires et index grec complet*, Vrin, Paris, 1982 (Histoire des doctrines de l'Antiquité Classique 6), p. 231-327, notadamente p. 287-94; Brisson, L. "Une édition d'Eustochius?", em Brisson, L. et al., *Porphyre, La Vie de Plotin, II. Vrin, Paris, 1992* (Histoire des doctrines de l'Antiquité Classique 16), p. 63-69; Goulet-Cazé, M.-O., "Remarques sur l'édition d'Eustochius", *ibid.*, p. 71-76.

5. Cf. Henry, *États*, p. 17.

6. Porfírio tem 30 anos quando chega a Roma em 263 e é em 301, quando está seu sexagésimo oitavo ano (*V.P.* 23, 21-14), que redige a *Vita Plotini*, a qual servirá de preâmbulo às *Enéadas*; todavia Plotino faleceu em 270.

edição (mas, por outro lado, ela não é atestada em nenhum lugar e ignoramos se era uma verdadeira edição com o trabalho de correção que tal empresa supõe), seja simplesmente de uma recensão diferente dos tratados plotinianos (não sabemos se esta era completa ou parcial: Eustóquio pôde ter acesso a todos os tratados de Plotino quando da morte deste?). Eustóquio pôde somente reagrupar todos os tratados que estavam em sua posse à morte do mestre e que circulavam na escola sob títulos divergentes (V.P. 4. 16-18). Um caso análogo é fornecido pelos exemplares copiados por Amélio dos originais de Plotino (cf. V. P. 20. 6: ἐκ τῶν Ἀμελίου; 20. 8: τὰ παρ' Ἀμελίου). Este discípulo de Plotino os levou, aliás, ao Oriente e permitiu que Longino mandasse fazer cópias deles. Falar de edição, em tal caso, como se fez eventualmente⁷, é ultrapassar o alcance dos testemunhos⁸. O fato de Porfírio em V.P. 4. 14-15 empregar o particípio ἐκδεδομένα e o substantivo ἐκδοσις, termos que muito freqüentemente remetem a uma realidade editorial, não implica tampouco a existência de uma edição pré-porfiriana dos tratados plotinianos. Esses termos, no contexto, não aludem a uma edição. Porfírio está falando dos vinte e um livros escritos por Plotino antes que ele próprio chegue a Roma: “Ademais constato que eles são comunicados a um pequeno número. Pois a comunicação ainda não era fácil, ela não se fazia de boa fé, nem simplesmente, mas selecionando-se com rigor aqueles que a recebiam”.

Quer o texto transmitido por Eustóquio tenha sido uma verdadeira edição ou uma simples recensão, diferente do texto das *Enéadas*, é necessário com efeito admitir que as duas versões, a de Eustóquio e a das *Enéadas*, circularam paralelamente pois era possível compará-las, como atesta o escólio.

Resta interrogarmo-nos sobre a fonte imediata das citações de Eusébio. Dois argumentos foram aventados para ligar as citações de Eusébio a uma versão pré-porfiriana do texto de Plotino: a divisão do tratado IV 7, cuja *Preparação evangélica* parece testemunhar e que está ausente das *Enéadas* (2), e a presença em Eusébio de um longo trecho ausente da edição porfiriana (3).

2. O texto de Eusébio testemunha uma divisão em dois livros do tratado IV 7 de Plotino?

Eusébio cita extratos do tratado IV 7, Περί ἀθανασίας ψυχῆς duas vezes no livro XV da sua *Preparação evangélica*. Em XV 10, ele retoma o capítulo IV 7, 8⁵, consagrado à entelêquia, e dá a ele o seguinte título: Πλωτίνου ἐκ τοῦ Περί ἀθανασίας ψυχῆς δευτέρου πρὸς Ἀριστοτέλην ἐντελέχειαν τὴν ψυχὴν εἶναι φήσαντα, “De Plotino, tirado do segundo livro *Sobre a imortalidade da alma*, contra Aristóteles que pretendeu que a alma fosse uma entelêquia”, e em XV 22 ele cita os capítulos IV 7, 1-8⁴.²⁸ com o título seguinte: Πρὸς τοὺς Στωικοὺς ὅτι οὐ δύναται σωματικὴ εἶναι ἡ ψυχὴ ἀπὸ τοῦ α' Περί ψυχῆς Πλωτίνου, “Contra os Estóicos, que a alma não pode ser corporal; tirado do primeiro livro *Sobre a alma*”.

Ainda que uma parte desses textos esteja ausente das *Enéadas* e independentemente do fato que Eusébio relacione os dois tratados a um título diferente (Περί ἀθανασίας ψυχῆς e Περί ψυχῆς), não há dúvida de que essas citações se relacionam ao tratado IV 7. Ora, a presença de δευτέρου e de α' sugere à primeira vista que no exemplar do qual Eusébio dispunha o tratado IV 7 estava dividido em dois tratados. É uma observação que P. Henry, J. Rist e W. Theiler aproveitaram bem.

P. Henry⁹, partindo do fato de que o escólio a IV 4, examinado acima, nos informa, sobre os tratados IV 3, 4 e 5, que a divisão dos tratados podia ser diferente em Eustóquio e em Porfírio, vê na divisão de IV 7 uma prova da proveniência eustóquiiana das citações de Eusébio. Sendo as *Enéadas* agrupadas em seis séries de nove, se IV 7 fosse dividido em 2, elas contariam 55 tratados e não 54. Ele conclui disso que Eusébio não pode ter tirado seus extratos da edição porfiriana.

Henry e Schwyzer, no prefácio à sua *Editio maior* t. II, 1959, p. x, continuam a vislumbrar ao menos a possibilidade de que a divisão em dois livros que encontramos em Eusébio estivesse na edição de Eustóquio, porquanto se exprimem assim a propósito dos dois fragmentos presentes em Eusébio: “Non igitur errabimus, si Eusebium ex editione hausisse profitebimur, ubi in duos libros divisus erat idem

7. Brisson, “Une édition d'Eustochius?”, p. 63-69, considera no entanto que Amélio havia realmente feito uma edição dos tratados de Plotino.

8. Se pensamos que existia realmente uma edição pré-porfiriana dos tratados de Plotino, somos constrangidos, em razão do paralelo estabelecido pelo escólio evocado acima, a reconhecer que somente a versão de Eustóquio poderia eventualmente pretender esse título.

9. P. Henry, *recherches sur la Préparation évangélique d'Eusèbe et l'édition perdue des oeuvres de Plotin publiée par Eustochius*, Leroux, Paris, 1935 (Bibliothèque de l'École des Hautes Études. Sciences religieuses 50), p. 73-79.

textus. Quam fuisse Eustochii non prorsus constat, sed, quia alia ignoratur editio, veri simillimum est” [Portanto não erraremos, se reconhecermos que Eusébio os tirou de uma edição em que o mesmo texto era dividido em dois livros. Não é certo que tenha sido a de Eustóquio, mas, como se ignora uma outra edição, é muito verossímil].

J. Rist¹⁰, apoiando-se sobre a menção a um primeiro e a um segundo livro, acredita, também ele, que Eusébio conhecia uma edição de Plotino diferente daquela de Porfírio, na qual IV 7 estava dividido em dois, e que os extratos de Plotino que lemos na *Preparação evangélica* não provêm das *Enéadas*. Ele sublinha, aliás, que nada em Eusébio prova que este conhecesse mais tratados de Plotino além daqueles dois que ele cita: IV 7 e V 1. Preferentemente a uma edição de Eustóquio, ele pensa que os extratos citados por Eusébio poderiam vir dos exemplares de Amélio ou das cópias que Longino mandou fazer¹¹.

W. Theiler¹² recusa, por sua vez, que as citações de Eusébio pudessem vir de Eustóquio, e considera que a divisão de IV 7 em dois tratados que se encontra em Eusébio possa ser o vestígio de uma organização dos tratados plotinianos concebida inicialmente por Porfírio, e depois abandonada no momento da edição definitiva das *Enéadas*. Theiler parte do fato, já observado por Henry¹³, de que todos os manuscritos das *Enéadas* transmitem o escrito que nas edições é o tratado IV 1: Περὶ οὐσίας ψυχῆς δεύτερον, como último pedaço das ἐπισκέψεις διάφοροι ao final da terceira *Enéada* (III 9). Tal era, então, o lugar que Porfírio queria inicialmente atribuir a essa passagem em sua edição. Por outro lado, para obter o número de nove tratados na sua quarta *Enéada*, Porfírio teria previsto dividir em dois IV 7. Mas no último minuto, no momento em que ele escrevia a *Vita Plotini*, ele teria projetado colocar o último capítulo de III 9 depois do primeiro tratado da quarta *Enéada* (tendo Ficino o colocado equivocadamente em IV 1 no lugar de IV 2, as edições ulteriores conservaram-lhe esse número IV 1). A divisão de IV 7 tornava-se desde então inútil e Porfírio teria renunciado a ela. Mas no exemplar original do texto das *Enéadas*, essa modificação, que consistia em colocar o último capítulo de III 9 em

segunda posição na quarta *Enéada*, só foi introduzida no último momento. Assim, todos os manuscritos teriam deixado IV 1 na sua antiga posição, isto é, no final de III 9 (ainda que disponhamos de duas versões do mesmo texto, uma no final de III 9 e outra em IV 1, com algumas variantes de uma para a outra) e que Eusébio, no exemplar que lia, via ainda o tratado IV 7 dividido em dois. Conforme essa hipótese, a divisão de IV 7 em Eusébio corresponderia então a uma etapa anterior à escolha final de Porfírio. Essas considerações de Theiler, na medida em que supõem que Eusébio utilizava um exemplar em que IV 7 era ainda dividido em dois conforme o que teria desejado Porfírio em um dado momento, vão no sentido de uma utilização por Eusébio das *Enéadas*, ou ao menos de uma versão preparatória destas, e não de um uso da edição de Eustóquio. Esse uso das *Enéadas* é tão mais verossímil, lembra ainda Theiler, que Eusébio na sua *Preparação evangélica* tinha o hábito de citar frequentemente as obras de Porfírio.

Todavia, outros se recusaram a admitir que o tratado IV 7 tenha alguma vez sido objeto de uma divisão. É o caso, notadamente, de P. Kraus e de A. Carriker.

P. Kraus¹⁴, constatando que a primeira passagem citada por Eusébio em XV 10 na *Enéada* IV 7 vem após a segunda passagem citada em XV 22, supõe que um leitor antigo da obra de Eusébio, comparando o texto deste último e o de Porfírio, pôde acrescentar em Eusébio, na margem desses dois extratos, as palavras δεύτερον e πρῶτον, a fim de indicar através disso a ordem original destes dois extratos no tratado de Plotino. Ele supõe ainda que na seqüência um copista integrou essas glosas em um texto que, persuadido de que se tratava de uma indicação de livros, ele corrigiu os nominativos em genitivos. Kraus observa, além disso, com razão, que uma separação do tratado em dois livros em 8⁵, quer tenha sido atribuída a Eustóquio ou a qualquer outro, teria repousado sobre uma análise muito pouco hábil do texto. O bom senso foi, de fato, separar 1-8 (críticas por Plotino das posições dos adversários) e 9-15 (posição pessoal de Plotino). Como veremos mais à frente, Kraus é quem parece ter formulado a hipótese mais correta.

10. J. Rist, “Basil’s ‘Neoplatonism’: its Background and Nature”, em P. J. Fedwick, *Basil of Caesarea: Christian, Humanist, Ascetic. A Sixteen-Hundredth Anniversary Symposium*, Pontifical Institute of Medieval Studies, Toronto, 1981, p. 137-220, reproduzido em J. M. Rist, *Platonism and its Christian Heritage*, Variorum, London, 1985, étude n° XII (paginação idêntica), notadamente p. 140-41; 159-65.

11. Voltaremos adiante à posição de Rist.

12. Em sua resenha de P. Henry, *Les états du texte de Plotin* (1938), publicado em *Byzantinesche Zeitschrift* 41 (1941), p. 169-76, notadamente p. 174.

13. Henry, *États*, p. 37-40.

14. P. Kraus, “Un fragment prétendu de la recension d’Eusochius des oeuvres de Plotin”, *Revue de l’histoire des religions* 113 (1936), p. 207-18; reproduzido em *Alchimie, Ketzerei, Apokryphen*, Gesammelte Aufsätze hrsg. und eing. von Rémi Brague, Olms, Hildersheim – Zürich – New York 1994, p. 301-12.

15. H.-R. Schwyzer, art. "Plotinos", *RE* XXI 1, 1951, col. 506-507.

16. Falamos dessa obra na terceira parte do presente estudo.

17. A. Carriker, *The Library of Eusebius of Caesarea*, Brill, Leiden, 2003 (Supplements to *Vigiliae Christianae*, 67), notadamente p. 108-12.

18. Ver o que diz, a propósito do processo de composição de tais compilações, T. Dorandi, *Le stylet et la tablette. Dans le secret des auteurs antiques*, Les Belles Lettres, Paris, 2000 (L'âne d'or), p. 44-50, que se apóia em Plínio, o Velho, em Clemente de Alexandria, no papiro de Orígenes *PCair J* 88747, e no papiro de Filodemo *PHerc* 1021.

H.-R Schwyzer¹⁵, em seu artigo "Plotinos" de 1951, fez observar em seguida – e de fato, esta observação vai contar a hipótese da edição de Eustóquio que ele próprio e Henry continuam vislumbrando como uma possibilidade no prefácio do tomo II da *Editio maior* de 1959 – que não há traço algum de uma divisão de IV 7 no livro III da *Pseudo-Teologia de Aristóteles*¹⁶ no lugar onde se passa para o capítulo sobre a enteléquia.

Recentemente A. Carriker¹⁷ propôs uma nova explicação. Em XV 10, Eusébio pode ter remetido ao tratado *Περὶ ἀθανασίας ψυχῆς* indicando δευτέρου por causa da segunda posição que este tratado ocupa na ordem cronológica dos tratados de Plotino, tal como nos foi transmitida pela *Vita Plotini* 4. 24. Carriker supõe, com efeito, que Eusébio tinha à sua disposição as *Enéadas* e também a *Vita Plotini* que lhes servia de introdução e na qual a ordem cronológica de composição dos tratados era indicada. Quando, em seguida, em XV 22, Eusébio cita novamente um extrato de IV 7, ele o designa como sendo o primeiro: á' assinalando assim que o tratado *Sobre a imortalidade da alma* é o primeiro tratado consagrado ao tema da alma na ordem cronológica. Nos dois casos, Eusébio teria querido ajudar seu leitor, que ele supõe mais familiarizado com uma edição cronológica dos trados de Plotino – a de Amélio ou a de Eustóquio – do que com as *Enéadas*. O próprio Eusébio teria conhecido certos tratados através de uma dessas edições pré-porfirianas. Esta interpretação em si engenhosa apresenta fraquezas. Ela supõe que Eusébio tinha em mãos duas versões dos tratados plotinianos, uma versão pré-porfiriana e as *Enéadas*; que a ordem cronológica teria sido mais bem conhecida por seus leitores eventuais que a ordem das *Enéadas*; que Eusébio teria pensado ser útil ao seu leitor, ao fornecer a ele números sem qualquer explicação; enfim e sobretudo, que estes dois números não significam a mesma coisa, um indicando que o tratado é o segundo na ordem cronológica, e o outro, que se trata do primeiro tratado consagrado à alma. Esses elementos tornam a suposição de Carriker gratuita; nada atesta que os leitores de Eusébio possam ter conhecido duas edições do texto de Plotino.

Da nossa parte, é da explicação de Kraus que mais nos aproximamos. Mas é ao próprio Eusébio, mais do que a um leitor, que atribuíríamos a origem do δευτέρου e do α' Eusébio, sem dúvida, ao longo de suas leituras preparatórias ao livro XV da *P. E.*, selecionou duas passagens de IV 7 que correspondem às duas temáticas que o interessavam (crítica dos Estóicos, depois crítica de Aristóteles com o capítulo sobre a enteléquia). Querendo a seguir dar ao seu copista instruções para a inserção dessas duas passagens no texto da *Preparação evangélica*, uma em XV 10 e outra em XV 22, ele pode, no esboço preparatório da obra em que devia precisar a lista de passagens a inserir e as transições¹⁸, ter indicado á' na sequência da referência do tratado de Plotino que ele desejava inserir em XV 10, para indicar ao copista que era o segundo extrato na ordem de IV 7 que deveria ser inserido em primeiro lugar. A menção β' teria sido a seguir recopiada erroneamente pelo copista, que teria visto ali uma indicação de livro e que o teria juntado ao título εκ τοῦ Περὶ ἀθανασίας ψυχῆς. A mesma explicação pode ser dada da fórmula que está no título de XV 22: ἀπὸ τοῦ α' Περὶ ψυχῆς. Eusébio teria desejado indicar para seu copista que a passagem a inserir em XV 22 era o primeiro extrato na sequência dos extratos de IV 7 que ele havia preparado.

Vários elementos apóiam essa hipótese. Primeiro, interpretar essas cifras como correspondendo ao número dos livros citados iria, no caso de δευτέρου, contra a prática habitual de Eusébio. Uma referência como a do título de XV 10 (εκ τοῦ Περὶ ἀθανασίας ψυχῆς δευτέρου) é, efetivamente, sem paralelo na obra. Eusébio em sua *P. E.*, quer se trate do índice dos diferentes capítulos, dos títulos destes capítulos, ou dos títulos citados no texto como tal, não indica nunca o número de um livro após o título desse livro. Eis aqui exemplos de diferentes tipos de títulos com o número ordinal que encontramos na *Preparação evangélica*:

ἐν τῷ τετάρτῳ τῶν Βιβλιοθηκῶν (II 2, 35);
ἐκ τοῦ πρώτου συγγράμματος τῆς Φίλωνος Φοινικικῆς ἱστορίας (IV 16, 11);
ἐν τῇ τετάρτῃ Ἰταλικῶν (IV 16, 12);
ἐν τῇ εἰκοστῇ βίβλῳ τῆς ἱστορικῆς Βιβλιοθηκῆς (IV 16, 19);

ἀπὸ τοῦ α' τῶν Στρωματέως (índice do livro IX, título 6);

ἐν τῷ πρώτῳ τῶν Περί Ἱεροσόλυμα (IX 20, 1);

ἐν τῇδ' τῶν Περί Ἱεροσόλυμα (IX 24, 1);

ἐν τῷ ἕκτῳ Στρωμάτει (X 1, 9);

ἀπὸ τοῦ πρώτου τῶν Κλήμεντος Στρωματέων (título de X 12);

ἀπὸ τοῦ πρώτου τοῦ Φλαυίου Ἰωσήπου Περί τῆς Ἰουδαίων ἀρχαιότητος (título de X 13);

ἀπὸ τοῦ δευτέρου τῆς Πολιτείας (título de XII 4);

ἀπὸ τοῦ ἑβδόμου Περί φιλοσοφίας Ἀριστοκλέουςδ (título de XV 14).

O único (falso) caso que encontramos em que o ordinal tem o ar de ter sido colocado após o título se encontra em XI 9, 8; de fato, o ordinal é então epíteto da palavra σύγγραμμα: Νουμηνίου τοῦ Πυθαγορείου... ἃς ἐν τῷ Περί τὰγαθοῦ δευτέρου συγγράμματι, o que não corresponde à fórmula empregada em XV 10.

Entretanto, reparamos, certamente não no texto, desta vez, mas no aparato, um outro caso finalmente bastante similar ao do δευτέρου e que nos encoraja na nossa interpretação. Se olharmos o aparato de Mras, percebemos que em XV 2, enquanto B, um manuscrito da família 2, tem por título Περί τῆς κατ' Ἀριστοτέλην φιλοσοφίας καὶ τῶν περὶ τοῦ ἀνδρὸς ἰστορουμένων ἦτοι Ἀριστοκλέους τοῦ περιπατητικοῦ περὶ Ἀριστοτέλους, Γ^b, um manuscrito da família 1, apresenta um título diferente com uma cifra ordinal colocada após o título: ἀπὸ τῶν Ἀριστοκλέους τοῦ περιπατητικοῦ περὶ Ἀριστοτέλους καὶ τῶν περὶ τοῦ αὐτοῦ ἰστορουμένων ἀπὸ τοῦ περὶ φιλοσοφίας ἑβδόμου, enquanto que outros três manuscritos da família 2, OVN, têm por título uma abreviação deste título de Γ^b: Ἀριστοκλέους τοῦ περιπατητικοῦ περὶ Ἀριστοτέλους. De fato, em XV 1, ao final do prólogo do livro XV, Eusébio diz que vai expor a defesa de Aristóteles que Aristocles produziu, ἐν τῷ ἑβδόμῳ περὶ φιλοσοφίας. É fácil supor que um leitor ou um copista acrescentou na margem do título do capítulo 2 a menção ἑβδόμου, e que esta foi, a seguir, erroneamente incorporada ao título por um copista.

Este último, com efeito, não respeitou o modo de fazer habitual de Eusébio, e juntou o ordinal após o título. É divertido ver como os editores reagiram. Mras, dando-se conta provavelmente de que Eusébio não teria formulado assim seu título, trocou o lugar do ordinal e escreveu: ἀπὸ τοῦ ἑβδόμου περὶ φιλοσοφίας Ἀριστοκλέους τοῦ περιπατητικοῦ, mencionando no aparato sua correção; des Places, tendo talvez observado a mesma coisa, preferiu escolher o título de B. Na nossa opinião, nem o ἑβδόμου de XV 2, nem o δευτέρου de XV 10, remontam a Eusébio; estes dois ordinais poderiam resultar de uma inserção ulterior devida, no caso de XV 2, a um cuidado de precisão de um copista ou de um leitor, e, no caso de XV 10, a uma má interpretação do copista.

Concluimos disso que as indicações δευτέρου e α' dadas por Eusébio no esboço preparatório da sua obra teriam sido mal interpretadas pelo copista, que as teria compreendido como indicações de livros e que, no lugar de suprimi-las, as teria juntado aos títulos. Δευτέρου teria sido colocado após o título, contrariamente ao modo de fazer habitual de Eusébio, enquanto que a introdução de α' teria respeitado a prática deste¹⁹. De fato, como veremos um pouco mais à frente, não é verossimilmente δευτέρου que Eusébio teria escrito, mas somente β', o que deixaria ao copista a interpretação do caso deste ordinal (nominativo, genitivo...).

Convém assinalar ainda que a tradição manuscrita de Eusébio, contrariamente ao que poderíamos crer consultando apenas a edição Mras e seu aparato, não é unânime no que concerne à indicação α'. Certos manuscritos, com efeito, não possuem esse α'. Talvez seja necessário ver aí um sinal de que essa indicação não era evidente; é difícil tirar conclusões mais precisas, pois não se pode excluir a negligência dos copistas que podem muito bem ter omitido um α'. É consultando as primeiras edições da *P. E.*: a de Robert Estienne (Paris, 1544), a de François Viguier (Paris, 1628) e a reimpressão desta última com tradução latina (Leipzig, 1688), que suspeitamos dessa falta de unanimidade. Ocorre, com efeito, que estas três edições, em seus índices e no título do segundo extrato, trazem ἀπὸ τοῦ Περί ψυχῆς Πλωτίνου (*ex libro Plotini De animo*) sem nenhuma menção ao α'. As edições

19. Encontra-se em outros lugares, efetivamente, esse gênero de título em Eusébio. Assim, por exemplo, em XV 17: πκ τοῦ πρώτου Περὶ τῆς ἀγαθῆς Νουμηνίου, ou ainda, em XI 35, 6: ν τῆς πρώτης Περὶ ψυχῆς.

Estienne e Viguier se apoiaram em D (família 2) e E (família 1), ao qual Viguier acrescentou lições de C (família 2). Algumas investigações sobre tradição manuscrita se nos impunham, conseqüentemente, a fim de compreendermos por que essas edições não comportavam o á. Uma brevíssima lembrança da situação da tradição manuscrita da *Preparação evangélica* pode ser útil.

Lista dos manuscritos

Ainda que Mras, editor de referência²⁰, não forneça um *stemma* como tal, ele explica na introdução do tomo I da sua edição de 1954²¹, que há duas grandes famílias de manuscritos da *P. E.*²². Nós pudemos consultar os representantes mais importantes delas:

Família 1

A *Parisinus graecus* 451, escrito em 914;

Copiado sobre A: H = *Marcianus graecus* 343, XI^o s.;

[Nem A nem H nos interessarão, pois eles oferecem apenas os cinco primeiros livros da *P. E.* e não possuem portanto o livro XV].

I *Marcianus graecus* 341, XV^o s. (este manuscrito I é escrito por uma primeira mão I^a até o fol. 265^v e do fol. 295 ao fol. 300, depois por uma segunda mão I^b do fol. 266 ao fol. 294, as duas mãos tendo tido aparentemente o mesmo modelo);

Copiado sobre I: j = *Marcianus graecus* 342;

Copiado sobre j: E = *Parisinus graecus* 468, completado e corrigido a partir de D (família 2);

Família 2

O *Bononiensis graecus* 3643, final do XIII^o s.;

Copiado sobre O: G = *Laurentianus* VI 9, datado de 1344;

Copiado sobre G: F = *Laurentianus* VI 6, e C = *Parisinus graecus* 466;

B *Parisinus graecus* 465, XIII^o s. (pertence à segunda família tendo ao mesmo tempo sido influenciado pela primeira);

N *Neapolitanus graecus* II AA 16, do XV^o s.;

D *Parisinus graecus* 467, do XVI^o s.; copiado sobre o mesmo modelo que N, exceto pelo livro IX, copiado sobre I ou sobre j;

V *Vatopedinus* 180, início do XIV^o s.

Aparatos da edição Mras

Vejamos agora as informações que nos fornece o aparato de Mras a propósito dos títulos de XV 10 e XV 22 da *Preparação evangélica*.

XV 10

No índice do livro XV (t. II, p. 340) transmitido por B I^b ON (D)²³, pode-se ler: Πλωτίνου ἐκ τοῦ Περί ἀθανασίας ψυχῆς δευτέρου πρὸς Ἀριστοτέλην ἐντελέχειαν τὴν ψυχὴν εἶναι φήσαντα, com esta precisão no aparato crítico de que o título inteiro foi riscado em B no momento do trabalho de *rubricatio*.

No cabeçalho do capítulo XV 10, o título é idêntico ao do índice e podemos ler no aparato (t. II, p. 372): “Die Überschrift in I^b ONV” com a precisão de que δευτέρου é omitido em V e que B não tem nem o título nem o capítulo.

XV 22

No índice do livro XV (t. II, p. 340), o título termina após εἶναι ἡ ψυχὴ e por conseqüência não oferece a precisão que nos interessa: Πρὸς τοὺς Στωικοὺς ὅτι οὐ δύναται σωματικὴ εἶναι ἡ ψυχὴ ἀπὸ τοῦ α' Περί ψυχῆς Πλωτίνου; o aparato precisa que em B o título foi riscado no momento do trabalho de *rubricatio*.

No cabeçalho do capítulo XV 22, o título é mais completo que no índice: Πρὸς τοὺς Στωικοὺς ὅτι οὐ δύναται σωματικὴ εἶναι ἡ ψυχὴ ἀπὸ τοῦ α' Περί ψυχῆς Πλωτίνου e podemos ler no aparato (t. II, p. 387): “Die Überschrift in ONV” com a precisão de que ἀπὸ - ψυχῆς é omitido em V e que tanto o título como a maior parte do capítulo estão ausentes em B.

Pudemos consultar diretamente os manuscritos que se encontram na Bibliothèque nationale de France nas ocorrências B, C, D, E, e em microfilmes ou CD-Rom I, O e N²⁴. Concernindo a XV 10, preferimos, por cuidado de maior clareza, dar as indicações sobre o δευτέρου em forma de quadro.

Constatamos que toda a tradição, exceto V, ao que parece, comporta o número ordinal, mais freqüentemente sob a forma δευτέρου, mas às vezes sob outras formas: δεύτερον no caso de B

20. Eusebius Werke, 8. Bd., *Die Praeparatio evangelica*, herausgegeben (...) Von K. Mras, 1. Teil, Akademie-Verlag, Berlin, 1954; 2. Teil, Berlin, 1956.

21. Cf. Mras, *Eusebius Werke*, I, p. xliii-li.

22. Referir-se também ao trabalho anterior de P. Henry, em *Recherches*, p. 27-56 (ch. II: “Le témoignage des manuscrits”).

23. Mras, *Eusebius Werke*, I, p. xlvii-xlviii, coloca D entre parênteses, pois considera que não o deve utilizar senão a título subsidiário ao lado de N, uma vez que N e D são copiados sobre um mesmo modelo e que D, na totalidade, é de pior qualidade que N.

24. Todos nossos agradecimentos vão aos colegas da seção grega do IRHT (Paris), que puseram à nossa disposição microfilmes e um CD-Rom da *Preparação evangélica* de Eusébio, graças aos quais nós pudemos fazer um bom número de verificações.

Siglas dos manuscritos	Índice	Título no cabeçalho do capítulo
I	fol. 280 ^r δευτέρου	fol. 291 ^r δευτέρου
E	fol. 413 ^v δευτέρου	fol. 413 ^r δευτέρου
B	fol. 189 ^r Δ ε ^υ	fol. 196 ^r título + capítulo são omitidos
C	fol. 333 ^r Ε	fol. 343 ^v δευτέρου
D	fol. 356 ^r Ε	fol. 367 ^v δευτέρου
O	fol. 226 ^r Ε ^α	fol. 233 ^v δευτέρου
N	fol. 373 ^v Β	fol. 383 ^v δευτέρου
V de acordo com o aparato de Mras	índice não consultado	δευτέρου falta

e talvez δευτέρας²⁷ em O (a abreviação de fato é difícil de ler; podemos em todo caso dizer de modo certo que não se trata de δευτέρου).

Notemos, ademais, uma divergência entre certos manuscritos, que traduz um problema suplementar e que a edição de Mras estranhamente não assinala. Em quatro manuscritos da família 2 (B, C, D e O), o índice, em lugar de Πλωτίνου ἐκ τοῦ Περί ἀθανασίας ψυχῆς... que lemos em outros manuscritos, oferece Πλωτίνου ἐκ τῶν Περί ἀθανασίας ψυχῆς... Ao contrário, quando passamos ao título que precede o texto de XV 22, encontramos em C (fol. 343^v), D (fol. 367^v) e O ἐκ τοῦ...δευτέρου (o título e o capítulo estão ausentes de B). Todos esses detalhes encorajam nossa hipótese. O título original podia se apresentar como: Πλωτίνου ἐκ τῶν Περί ἀθανασίας ψυχῆς, com um β' acrescido na margem, correspondendo à indicação dada por Eusébio. Um copista terá inserido no título esse β', que suscitou o embaraço quando se quis transcrevê-lo com letras, pois nada permitia adivinhar em qual caso convinha pô-lo, donde as hesitações que encontramos entre as formas δευτέρου (o mais freqüente), δεύτερον abreviado no índice de B e δευτέρας (?) em O. Na maior parte dos casos, como não se compreendia bem o que podia significar ἐκ τῶν...β', supôs-se que se tratava de um número de livro e, por meio da correção de τῶν em τοῦ assim como do acordo do ordinal, tem-se ἐκ τοῦ δευτέρου no genitivo e no singular. Por que estimar que originalmente havia τῶν de preferência a τοῦ? Porque pode-se conceber que o τῶν tenha sido mudado em τοῦ por causa da inserção do ἀ', ao passo que o inverso não se explicaria.

Conforme essa hipótese, resta justificar a presença no início do plural τῶν Περί ἀθανασίας ψυχῆς, à primeira vista surpreendente, se houvesse

apenas um livro nesse tratado e não dois. Com efeito, um tratado que não é dividido em vários livros pode ser citado com o artigo no plural; é necessário então subentender não βιβλίων, mas λόγων. Assim, podem-se citar vários exemplos de títulos encontrados na *Preparação evangélica* ou em Diógenes Laércio, dos quais não se tem razão de pensar que comportavam mais de um livro, ou ao menos para os quais, em todo caso, a tradição não atesta a existência de vários livros: Eusébio, por exemplo, cita em III 3, 15 Plutarco ἐν τοῖς Περί Ἰσίδος καὶ τῶν Αἰγυπτίων Θεῶν; em VI 8, 39 Alexandre de Afrodísias ἐν τοῖς Περί εἰμαρμένης; em IX 35, 1 Timócares ἐν τοῖς Περί Ἀντιόχου, e Diógenes Laércio cita em IV 8 Melânicio ἐν τοῖς Περί ζωγραφικῆς, em I 112 e V 3 Demétrio Magnes ἐν τοῖς Περί ὁμωνύμων, e em VII 57 Antípatar ἐν τοῖς Περί λέξεως καὶ τῶν λεγομένων. Essas observações sobre XV 10 convidam a concluir que o δευτέρου que se lê atualmente no título provavelmente não foi posto por Eusébio.

Vejamos agora o que ocorre em XV 22. No seu aparato, Mras não levou em conta a família I, dado que A tem apenas os cinco primeiros capítulos da *P.E.* e que I no índice não tem a parte do título que comporta o α' – pois ele omite ἀπὸ...ψυχῆς –, e que não tem o título no cabeçalho do capítulo, nem o capítulo. Não obstante, na falta de ser representado por A e I, a família I pode sê-lo pelo manuscrito de Paris E, copiado sobre J, ele próprio copiado sobre I, o manuscrito-fonte. Ora, em E no fol. 431v lê-se: ὑπὸ (sic) τοῦ Περί ψυχῆς Πλωτίνου. Mas nós sabemos, por outro lado – é o que diz Mras na sua introdução²⁸ – que E foi completado e corrigido por D. Nós concluímos disso que a família I podia não ter α' (seria necessário, para estar-se seguro disso,

25. Com efeito, no fol. 196r, no fim de XV 9, a dois terços da página, sem sinal algum de ruptura aparente, Eusébio escreve συνάψω δ' αὐτοῖς, καὶ τὰ Πλωτίνου οὕτως ἔχοντα, depois salta XV 10 (Plotino) e XV 11 (Porfírio) – capítulos que, efetivamente, foram riscados de vermelho no índice – para encadear diretamente com o título de XV 12.

26. Não podemos consultar o manuscrito *Vatopedinus* 180. De sua parte, Mras explica (I, p. xlviii) que teve à sua disposição a reprodução fotográfica de um certo número de seus fôlios, notadamente dos que contêm o livro XV em sua totalidade, mas não o índice: "Fol. 352v bis Fol. 352r: das ganze 15. Buch (mit Ausnahme des Inhaltsverzeichnisses)".

27. Um copista, trabalhando de maneira um pouco mecânica, pode ter se deixado levar pela presença de ψυχῆς e colocado o adjetivo no genitivo feminino singular.

28. Mras, *Eusebius Werke*, I, p. xxxiii.

fazer uma verificação em j)), ou que E foi influenciado por D, que pertence à família 2.

Disposmos de testemunhos mais numerosos concernentes à família 2. Em todos os manuscritos que consultamos²⁹, o índice omite ἀπό...ψυχῆς. Conseqüentemente, ele não é de nenhuma ajuda para resolver o problema do α'. A respeito do título no cabeçalho do capítulo, ele está faltando, assim como a totalidade do texto de Plotino em B³⁰. O manuscrito V, conforme o aparato de Mras, não comporta tampouco a parte ἀπό...ψυχῆς; ele nos concerne pelo problema do ά'. Restam, por conseqüência, quatro manuscritos da família 2: O, C, N, D. Podemos verificar que O (fol. 236^r), C (fol. 349^r) e N (fol. 386^r) comportam o ά'. Por outro lado, em D (fol. 373^r), que é todavia um representante da família 2, lemos ἀπό τοῦ Περί ψυχῆς Πλωτίνου³¹.

A conclusão dessas verificações laboriosas, mas necessárias, é que a família 1, ao menos parcialmente (em E, em todo caso), não comportava o α', enquanto a família 2, à exceção de D, o comportava; compreendemos melhor então por que, nas edições Estienne e Viguier, que se apóiam sobre D e E, o α' está ausente.

No total o β' se manteve sob diferentes formas em toda a tradição, mas com os problemas por nós assinalados, que traduzem o embaraço dos copistas (e dos editores), enquanto o α' não foi conservado em todos os lugares, talvez porque houvesse uma dúvida quanto à sua validade. Mantemos, portanto, nossa hipótese: as duas indicações, mesmo se se devessem a Eusébio, não faziam parte dos títulos que este havia redigido originalmente; é por acidente que elas terminaram por ser incorporadas aos títulos dos extratos; por conseqüência IV 7 jamais foi dividido em dois tratados e essa divisão não poderia

ser aventada como prova da utilização de uma edição pré-porfiriana, qualquer que seja.

Pode-se então legitimamente se colocar uma questão subsidiária. Por que Eusébio, se o tratado IV 7 não era dividido, teria dado dois títulos diferentes aos dois extratos do mesmo tratado IV 7, Περί ἀθανασίας ψυχῆς (em XV 10) e Περί ψυχῆς (em XV 22)? Duas respostas ao menos podem ser aventadas: a queda da palavra ἀθανασίας não poderia ser excluída ou Eusébio, que já havia citado o título longo, bem pode, por cuidado de simplificação, ter-se contentado na segunda vez em indicar o tema principal do tratado.

3. Da grande lacuna de IV 7 nas Enéadas pode-se concluir que Eusébio utilizava uma edição pré-porfiriana?

O tratado IV 7 (Περί ἀθανασίας ψυχῆς) apresenta em todos os manuscritos das *Enéadas* uma grande lacuna a partir de IV 7, 8. 28 até 8⁵. 49. A existência dessa lacuna se manifesta com evidência por um encadeamento desprovido de sentido entre as últimas palavras de 8. 28: Πῶς δ' ἂν καὶ σώματος ὄντος τῆς ψυχῆς ἀρεταὶ αὐτῆς, σωφροσύνη καὶ δικαιοσύνη, e as palavras que constituem a linha 8⁵. 50, na numeração de Henry-Schwyz: σωζόμενον καθόσον ἂν αὐτοῦ μεταλαμβάνη. Ora, esta lacuna pode ser preenchida graças às duas passagens do livro XV da *P.E.* de Eusébio que acabamos de evocar, cuja redação se situa entre 312 e 322 (cf. Mras na introdução de sua edição da *P.E.*)³². A presença de tal lacuna na tradição porfiriana não seria prova de que Eusébio teve acesso a uma outra edição que não a das *Enéadas*?

Eis o conjunto dos dados segundo a divisão em perícopes sugerida por Henry.

Perícopes	IV 7	<i>Enéadas</i>	Eusébio	<i>En.</i> J, M, V	<i>Teologia</i> ³³ III 27-76
A	1.1-8.28 δικαιοσύνη	+		+	
			XV 22.1-67		
B	8.28-8 ⁴ .28 ἁρμονία	0		+	8.38-8 ⁵ .20
C	8 ⁵ .1-49 ὄντος*	0		0	
			XV 10.1-9		
	8 ⁵ .50 σωζόμενον... μεταλαμβάνη	+		+	
D	9.1-15.12 ἀπολωλῆται	+		+	

* 8⁵.1-43: sobre a enteléquia

29. Em B, o título do índice, que também apresenta essa omissão, está riscado em vermelho pelo rubricador. Quanto a V, Mras não pôde consultar o ou os fôlios que comportavam o índice.

30. No fol. 199v, o fim do cap. 21: οὐδὲ πνεύματα καὶ ὀήρους (sic, em lugar de λήρους) se encadeia diretamente com XV 22, 68: ἐπεὶ οὖν αὐτάρκως...que constitui o começo da transição entre XV 22 e 23.

31. Enquanto em sua *Editio maior* Henry e Schwyz indicam claramente que O e N têm ambos o α' e que D o omite, no aparato da *minor* (t. II, p. 137) dá a entender que OND comporta o α' o que é falso no caso de D.

32. Mras, *Eusebius Werke*, I, p. liv-lv.

33. Outras passagens da *Teologia* remetem às perícopes A e D. Para não sobrecarregar o presente quadro, nós não as indicamos aqui; elas serão encontradas num outro quadro mais adiante.

Em XV 10, 1-9 (= a perícope C na terminologia de Henry), Eusébio cita IV 7, 8⁵, uma passagem sobre a entelêquia que ele é o único a ter transmitido e que não acontece de nenhum manuscrito das *Enéadas* ter conservado.

Em XV 22, 1-67 Eusébio nos transmite sucessivamente:

- IV 7, 1-8. 28 que se lê nos manuscritos das *Enéadas* (= a perícope A);
- IV 7, 8. 28-8⁴. 28 ausente dos manuscritos das *Enéadas* (= a perícope B)³⁴. Onde os manuscritos das *Enéadas* encadeiam em 8. 28 τῆς ψυχῆς ἀρεταὶ αὐτῆς, σωφροσύνη καὶ δικαιοσύνη com σωζόμενον καθόσον ἂν αὐτοῦ μεταλαμβάνη, o que não apresenta nenhum sentido, Eusébio encadeia muito naturalmente com ἀνδρία τε καὶ αἰ ἄλλαι, o que é sua seqüência evidente. O texto de Eusébio de XV 22 termina com a conclusão οὐκ ἄρα ἡ ψυχὴ ἁρμονία.

Seguindo Fr. Creuzer, no tomo III, col. 202 b da sua edição dos *Plotini Opera* (1835), P. Henry construiu toda uma teoria³⁵ para mostrar, a partir da *Preparação evangélica* de Eusébio, que era necessário supor a existência de uma edição de Eustóquio que Eusébio teria utilizado. Como essa teoria teve muita influência e fez intervirem argumentos interessantes, nós a lembramos rapidamente, ainda que ela seja pouco lembrada hoje.

O argumento de P. Henry em favor das duas edições antigas diferentes dos textos de Plotino repousava sobre diversos elementos³⁶. Inicialmente sobre o estudo do grande número de lições divergentes da perícope A, que é comum aos manuscritos das *Enéadas* e aos manuscritos de Eusébio³⁷. Ele encontrava, a seguir, confirmação de sua hipótese na análise da qualidade dessas variantes³⁸. Os “pretensos” erros de copistas, que se encontram no texto de Eusébio, objetivamente pior que o das *Enéadas*, seriam segundo ele erros de Plotino – de quem Porfírio na *V. P.* 8, 4-6 recorda que o estilo e a ortografia deixavam a desejar. As *Enéadas*, ao contrário, foram submetidas às correções de Porfírio, o que explicaria sua melhor qualidade. A edição da qual Eusébio se servia não seria, então, aquela das *Enéadas* publicada por Porfírio³⁹. Henry, ao menos no início, também tirava

argumento do fato de que três manuscritos das *Enéadas*: J, M e V⁴⁰, haviam conservado a perícope B. Em 1935, ele concluiu que os copistas destes manuscritos podiam ter encontrado esta perícope na edição de Eustóquio⁴¹. Mas, desde 1941, ele nuançava esse ponto de vista, escrevendo: “A perícope [B] não provém de nenhum manuscrito conhecido de Eusébio, nem mesmo de seu arquétipo comum. Sem dúvida ela provém de um manuscrito da *Preparação*, mais do que diretamente de uma edição eustoquiana de Plotino, mas ele entrou na tradição porfiriana por intermédio de um manuscrito dessa tradição, chamada JCMV...”⁴², e, um pouco mais à frente⁴³, ele insistia ainda no fato de que o manuscrito da *Preparação* não é nenhum dos manuscritos conhecidos, nem T⁴⁴ nem O nem D nem Q, nem mesmo seu arquétipo comum. Mais tarde, em 1959, Henry e Schwyzer, no aparato da sua edição⁴⁵, continuavam explicando a presença da perícope B nesses três manuscritos por uma contaminação com a tradição de Eusébio: “Quae in JMV addita sunt, ex Eusebii quodam deperdito codice codicis T affini supremam originem ducunt” [Os que foram ajuntados em JMV levam a uma origem suprema a partir de algum códice perdido de Eusébio afim ao códice T]. Henry finalmente recorre, para explicar a presença da perícope B nesses três manuscritos, a uma contaminação de um manuscrito das *Enéadas*, hoje perdido, por um manuscrito igualmente perdido da *Preparação evangélica*. Sem ter necessariamente renunciado à hipótese de uma edição de Eustóquio, ele dissocia desta hipótese a origem eusebiana da presença em JMV da perícope B.

Henry se apoiava igualmente na perícope C, isto é, o capítulo sobre a entelêquia conservado somente em Eusébio. Antes dele já Creuzer via neste pedaço um dos raros vestígios da edição de Eustóquio: Plotino teria escrito o capítulo sobre a entelêquia; Eustóquio o teria publicado em sua edição e é daí que Eusébio o teria tirado; Porfírio, ao contrário, não o teria mantido. A interpretação de Henry, um pouco diferente, encontra a de Creuzer na sua conclusão: “Quando ele redigiu seu tratado, Plotino evitou deliberadamente atacar a teoria da entelêquia, porém mais tarde, retomando a questão, ele fez Eustóquio inserir ali o fragmento que Eusébio

33. Outras passagens da *Teologia* remetem às perícopes A e D. Para não sobrecarregar o presente quadro, nós não as indicamos aqui; elas serão encontradas num outro quadro mais adiante.

34. É preciso assinalar, contudo, que os três manuscritos das *Enéadas*: J (= *Par. gr.* 2082), M (= *Marc. gr.* 240) e V (= *Vind. phil. gr.* 226), conservaram a perícope B, a saber IV 7, 8. 28-84. 28 (o manuscrito V, de fato, termina em 84.13 em razão provavelmente de um salto do mesmo ao mesmo sobre a palavra α(μον)ία; sobre esse manuscrito, ver H.-R. Schwyzer, “Der Plotin-Codex Vindobonensis phil. graecus 226”, *Rheinisches Museum für Philologie* 86 [1937], p. 270-85). Mas nós veremos mais adiante que é a partir da *Preparação evangélica* que esse ramo da tradição reparou a lacuna. Pode-se surpreender-se que os copistas desses manuscritos copiarão somente uma parte dessa lacuna e se omitiram de copiar 85 sobre a entelêquia! Deve-se, por outro lado, eliminar a possibilidade de que esses três manuscritos sejam os testemunhos de uma versão deteriorada da tradição direta das *Enéadas*, porque a linha de demarcação não é fortuita, mas corresponde a uma mudança de capítulo.

35. Henry, *Recherches sur la Préparation évangelique d'Eusebe*; ver também Henry e Schwyzer, *Editio maior*, t. II, p. ix-xvii.

36. Já assinalamos o escólio concernindo a Eustóquio e também à divisão de IV 7.

37. Henry, *Recherches*, p. 60-66.

38. *Ibidem*, p. 67-73.

39. *Ibidem*, p. 71.

40. Ver a nota 34.

41. Ver Henry, *Recherches sur la Préparation évangelique d'Eusebe*, p. 116.

42. P. Henry, *Études plotiniennes*, II, *Les manuscrits des Ennéades*, Desclée de Brouwer, Paris-Bruxelles, 1941, p. 235 (Museum Lessianum, section philosophique, 21).

43. *Ibidem*, p. 339.

44. Em “Das Plotin-Exzerpt im Codex Rossianus graecus 936”, *Rheinisches Museum für Philologie* 88 (1939), p. 367-79, H.-R. Schwyzer consagrou um estudo a T, levado em conta por Henry em *Les manuscrits des Ennéades*, mas Henry não admitia conclusão

de Schwyzer, segundo a qual o pequeno número de variantes que oferece *T* em relação ao texto das *Enéadas* convida a pensar que Eusébio conhecia IV 7 na versão das *Enéadas*.

45. No t. II, p. 197.

46. Henry, *Recherches sur la Préparation évangélique d'Eusebe*, p. 125-28.

47. No tomo II, p. ix-x.

48. M. H. A. L. H. van der Valk, "A few observations on the text of Plotinus", *Mnemosyne* 9 (1956), p. 114-31, chega a uma conclusão outra que Henry a respeito dessas variantes. O estilo de Plotino é negligente, então os autores que o citam, quer se trate de Eusébio, Teodoreto ou Cirilo, podiam facilmente fazer conscientemente ou inconscientemente alterações. Seria então a Eusébio mesmo, chocado pelo estilo relaxado de Plotino, e não à edição de Eustóquio, que deveriam ser atribuídas as variantes de *P.E.* Quanto a Dörrie, resenha do tomo II da *Editio maior* de H-S, *Gnomon* 36 (1964), p. 461-69, notadamente p. 468-69, ele considera que as variantes do texto de Eusébio são faltas que não são produzidas antes de Porfírio fazer sua edição, como o queria Henry, mas depois, e que elas se devem de fato aos copistas do texto de Eusébio pouco habituados ao estilo particular de Plotino.

49. Ver *États*, p. 7-105.

50. C. D'Ancona, "The Arabic version of *Enn.* 7 [2] and its Greek model", em J. E. Montgomery (ed.), *Arabic Theology, Arabic Philosophy: From the Many to the One: Essays in Celebration of Richard M. Frank* (Orientalia Lovaniensia Analecta), Leuven, Peeters Publishers, p. 127-56.

51. H.-R. Schwyzer, "Das Plotin-Exzerpt im Codex Rossianus graecus 936", *Rheinisches Museum für Philologie* 88 (1939), p. 367-79.

52. P. Kraus, "Un fragment prétendu de la recension d'Eusébio des œuvres de Plotin", *Revue de l'histoire des religions* 113 (1936), p. 207-18.

53. Ver a introdução da obra recém-publicada sob a direção de C. D'Ancona, *Plotino. La discesa dell'anima nei corpi* (*Enn.* IV 8 [6]). *Plotiniana arabica* (*Pseudo-Teologia di Aristotele*,

cita, a menos que tenha sido o próprio Eustóquio que o tenha inserido por sua própria conta...O texto pode não ter se encontrado na edição de Porfírio; ou ainda: não podemos provar de modo decisivo que ele tenha feito parte dela. Seja como for, o certo é que nós o conhecemos somente sob a forma que ele tinha na edição de Eustóquio"⁴⁶. Na *Editio maior* Henry e Schwyzer mantêm a possibilidade de uma proveniência eustoquiana⁴⁷.

Hoje, na realidade, nenhum dos argumentos aventados por Creuzer, depois por Henry, para provar que a *P.E.* de Eusébio está baseada na edição de Eustóquio, resiste. O argumento do número de variantes, produzido por Henry, é de ser manejado. Basta que Eusébio tenha copiado os dois tratados de Plotino sobre um exemplar copiado por um escriba particularmente negligente para que as duas tradições das *Enéadas* e da *P.E.* se separem, cada uma conservando em todos seus manuscritos suas próprias variantes. Quanto ao argumento da qualidade dessas variantes, ele é tão difícil de ser manejado quanto o precedente. Conforme se pense que Eusébio dispunha de uma edição pré-porfiriana ou das *Enéadas* como tais, atribuem-se as ou a Plotino ou a Eusébio e a seus copistas⁴⁸. Certo é que o texto da *P.E.* é globalmente melhor que o das *Enéadas*, como o mostram não somente as variantes da perícopie A que fornece Henry⁴⁹, mas também o número bastante importante de saltos do mesmo ao mesmo que podemos relevar na tradição de Eusébio (ex. em IV 7, 1. 6; 2. 4; 6. 47; 7. 1; 7. 18-20). Recentemente C. D'Ancona⁵⁰ um balanço muito claro dessa questão das variantes em que, apoiando-se notadamente no artigo de Schwyzer consagrado a *T*⁵¹, explica por que o estudo das variantes convida a pensar que Eusébio dispunha certamente da versão das *Enéadas* para as passagens de Plotino que ele cita, o que vem confirmar a tradução indireta representada pela versão árabe de IV 7, que contém ao mesmo tempo a perícopie B e uma parte da perícopie C.

Resta o problema da perícopie C ausente da tradição das *Enéadas*. O estudo mais decisivo, que mostra que Henry está errado sobre esse ponto e que Eusébio conhecia os tratados de Plotino na versão das *Enéadas* é o de Kraus⁵². Este introduz a

Pseudo-Teologia de Aristóteles. Essa obra em língua árabe, que é datada de cerca de 840, retoma vários extratos de tratados plotinianos e se apresenta como sendo de Aristóteles⁵³. Kraus prova que a obra se apóia na edição das *Enéadas* e que ela oferece um texto que remonta ao VI^o século, anterior portanto ao arquétipo da tradição manuscrita⁵⁴. Kraus percebe que o nome de Porfírio é citado no título do primeiro capítulo da *Pseudo-Teologia*⁵⁵, o que é igualmente um dado objetivo a não se negligenciar, e ele se apóia no conteúdo dessa obra para demonstrar que as *Enéadas* comportavam primitivamente as perícopes B e C, que P. Henry queria atribuir à edição de Eustóquio. Acontece, com efeito, que a *Pseudo-Teologia* contém passagens paralelas a várias passagens de IV 7. De acordo com a *Editio maior* de Henry e Schwyzer, que cita face a face o texto grego de IV 7 e a tradução inglesa de G. Lewis das passagens correspondentes da *Pseudo-Teologia de Aristóteles*, notam-se as seguintes correspondências:

<i>Teol.</i>	<i>En.</i>	
IX 1-63	IV 7, 1-4.30	= A
III 27-33	IV 7, 8.38-81.9	= B
III 1-6	IV 7, 8 ¹ .9-13	= B
III 7-26	IV 7, 8 ¹ .16-8 ² .11	= B
III 34-76	IV 7, 8 ² .15-8 ⁵ .20	= B + C
I 1-20	IV 7, 13-15	= D

A *Pseudo-Teologia* nos conservou, de fato, a primeira metade da perícopie A, a maior parte da perícopie B (faltam apenas as 10 primeiras linhas) e o começo da C, por fim a parte final da perícopie D. Assim, essa obra atesta a presença das quatro perícopes e prova que a perícopie C seguia diretamente a B. Kraus disso concluiu: "O texto da *Teologia* confirma que é um bom caminho completar a lacuna dos manuscritos gregos através dos extratos de Eusébio"⁵⁶. Seria, portanto, por uma corrupção mecânica, que sem dúvida não seria anterior ao VI^o século – a mesma que explica o desaparecimento da perícopie B – que se deveria explicar a ausência do texto sobre a entelêquia nos manuscritos das *Enéadas*. Essa precisão é capital. É possível, por consequência, que Eusébio tenha tido em mãos

uma edição das *Enéadas* que ainda comportasse as perícopes B e C hoje ausentes da tradição das *Enéadas*. A partir desse fato, não é de modo algum necessário recorrer, para explicar Eusébio, a uma edição pré-porfiriana das *Enéadas*, quer se pense nos exemplares de Amélio ou nos de Eustóquio.

Schwyzler, desde 1941, continuou a reflexão no mesmo sentido e provou que a Pseudo-*Teologia* de Aristóteles supõe a edição das *Enéadas*⁵⁷. Eis quais são os argumentos que ele enunciou em seu artigo “Plotinos”⁵⁸:

- A *Teologia* não segue nem a ordem cronológica nem a ordem das *Enéadas*. Partes de um mesmo tratado podem se encontrar em lugares diferentes da *Teologia*. No entanto, graças à concordância que pode ser estabelecida entre as partes plotinianas que estão na base da *Teologia* (IV 3, IV 4, IV 7, IV 8, V 1, V 2, V 8 e VI 7) e as passagens correspondentes da *Teologia*, pode-se mostrar que a escolha operada na *Teologia* é impensável sem a edição das *Enéadas*. Aliás, o simples fato de que a *Teologia* se apóia em três *Enéadas* somente: IV, V e VI, supõe na realidade a divisão em *Enéadas*.

- IV 3 e IV 4, na origem, formavam um só tratado; é Porfírio quem o fez dois, caindo a cesura entre os dois bem no meio de uma frase. Ora, o segundo livro da *Teologia* começa com o início de IV 4; a conclusão de IV 3 não tem correspondente, o que é sinal de que a *Teologia* se baseia num exemplar dos tratados plotinianos que já comportava a cesura imposta por Porfírio.

- V 8 foi separado por Porfírio do conjunto III 8 [30], V 8 [31], V 5 [32], II 9 [33], que constituía o grande tratado antignostico de Plotino⁵⁹. Ora, na *Teologia* IV 1-59, X 137-194 e VIII 144-189 Lewis, o que corresponde a V 8 começa e termina sem que as ligações com III 8 e V 5 sejam indicadas, ao passo que podemos encontrar facilmente essas ligações ao lermos III 8, V 8 e V 5 em seqüência; a maior parte dos capítulos de V 8 é tomada em consideração, enquanto que não se trata de V 5 nem de III 8 nem de II 9, o que deveria ter sido o caso, se a *Teologia* se apoiasse num exemplar anterior às *Enéadas*.

- De uma divisão de IV atestada pelo menos em aparência por Eusébio (cf. o problema de

δευτέρου e de α' evocado mais acima, e a teoria de P. Henry exposta precedentemente), não há traço algum no livro III da *Teologia*, que empresta numerosas passagens de IV 7.

Aos elementos assinalados por Schwyzler, pode-se acrescentar esta constatação de Theiler⁶⁰: na *Teologia*, IV (tratado 6 na ordem cronológica) segue IV 7 (tratado 2 na ordem cronológica), o que sugere aí também uma utilização da versão porfiriana dos escritos de Plotino.

Acessoriamente, o estudo de Schwyzler arruína definitivamente a tese de Henry⁶¹, que, de início, pensara que a *Teologia* se apoiava nos cem livros de *Escólios* que Amélio, durante sua estada em Roma, redigira a partir dos cursos de Plotino. Um dos argumentos de Henry era que não se encontra eco algum, na obra árabe, dos nove últimos tratados escritos por Plotino após partida de Amélio para a Apaméia⁶². Mas a ausência desses nove tratados na *Teologia* não prova que a *Teologia* depende dos *Escólios* de Amélio, na medida em que ocorre que apenas um desses nove tratados, a saber, V 3, pertence às três *Enéadas* que explora a *Teologia*.

A conclusão de Schwyzler é firme: “Diese Gründe...lassen es als unabweisbar erscheinen, dass die Enneaden dem Verfasser des griechischen Originals [scil. der *Theologie*] vorgelegen haben”⁶³ [Esses motivos deixam transparecer que as *Enéadas* estavam presentes ao autor do original grego da *Teologia*]. Graças aos estudos de Kraus e de Schwyzler sobre a Pseudo-*Teologia* de Aristóteles, sabe-se que a tradição das *Enéadas* comportava a passagem sobre a entelêquia e que de fato, graças a Eusébio, pode-se reconstituir a grande lacuna das *Enéadas* provocada por um incidente mecânico e considerar que as perícopes A, B, C e D formavam, de início, um único texto na edição porfiriana.

C. D’Ancona⁶⁴ tira do magistral estudo de Schwyzler a consequência que se impõe: “All in all, what the Arabic gives us is a testimony of the Enneadic text antedating the archetype...one can use the Arabic version as an additional testimony in reconstructing, by comparison with Eusebius’ quotation, what the original Enneadic text might have been in sections B and C” [Em resumo, o que

Capitoli 1 e 7; “*Dettili del Sapienti Greco*”, Il Poligrafo, Padova, 2003 (Subsidia Medievale Patavina, 4), notadamente p. 72-91. Ver igualmente M. Aouad, nota a “*A Teologia de Aristóteles e outros textos do Plotinus Arabus*”, *Dictionnaire des Philosophes Antiques*, publicado sob a direção de R. Goulet, I, Éd. du CNRS, Paris, 1989, p. 541-90, notadamente p. 546.

54. O arquétipo das *Enéadas* sem dúvida fazia parte da “Coleção filosófica”, um conjunto de manuscritos copiados em Constantinopla na segunda metade do ES século. Ver a introdução de L. G. Westerink ao tomo I da edição Combès-Westerink do *Tratado dos Princípios Primeiros* de Damascio, Paris, 1986 (Collection des Universités de France), p. lxxiii-lxxx, bem como o artigo de R. Goulet, “La conservation et la transmission des textes philosophiques grecs”, em C. D’Ancona (ed.), *The Libraries of the Neoplatonists*, Leiden-Boston, Brill, 2007 (Philosophia Antiqua, 107), p. 29-61, notadamente p. 54-58.

55. “Primeiro capítulo do livro de Aristóteles, o filósofo, chamado em grego *Teologia*, isto é, o discurso sobre a soberania divina. Comentário de Porfírio, o Tírio...” (trad. M. Aouad).

56. P. Kraus, “Un fragment prétendu de la recension d’Eusochius des oeuvres de Plotin”, p. 214

57. H.-R. Schwyzler, “Die pseudoaristotelische *Theologie* und die Plotin-Ausgabe des Porphyrios”, *Reinisches Museum für Philologie* 90 (1941), p. 216-36; depois, *Id.*, art. “Plotinos”, *RE* XXI 1, 1951, col. 499-508; *Nachtrag*, *RE* Suppl. XV, col. 319-21; Henry e Schwyzler, prefácio ao tomo II da *Editio maior* (1959), p. xxxi-xxxvi, e também P. Thillet, “Indices porphyriens dans la *Théologie d’Aristote*”, em *Le Néoplatonisme, Actes Du Colloque international du CNRS (Sciences humaines)*, Éd. du CNRS, Paris, 1971, p. 293-302.

58. Nas colunas 506-507.

59. R. Harder, “Eine neue Schrift Plotins”, *Hermes* 71 (1936), p. 1-10, provou que esses quatro tratados formavam, na origem, apenas um e propôs uma explicação da divisão em quatro desse grande tratado presente já no quadro cronológico da *Vita Plotini*. Cf. nosso estudo “L’arrière-

plan scolaire de la *Vie de Plotin*", em Brisson et alii, *Porphyre, La Vie de Plotin*, I, p. 231-327, notadamente p. 301-303.

60. W. Theiler, resenha de Henry, *Les États du text de Plotin*, em *Byzantinische Zeitschrift* 41 (1941), p. 170.

61. P. Henry, "Vers la reconstitution de l'enseignement oral de Plotin", *Bulletin de la classe des Lettres et des Sciences Morales et Politiques de l'Académie royale de Belgique* 23 (1937), p. 310-42.

62. Cf. p. 327: "As únicas conferências cujo texto se pode ter nas *Notas* de Amélio são as que foram pronunciadas antes de 268, data em que Amélio partiu de Roma para Apaméia. Ora, Os tratados paralelos às Conferências da Teologia foram todos escritos antes dessa data. Eles pertencem todos aos primeiros períodos da atividade literária de Plotino.

63. Na coluna 507.

64. C. D'Ancona, "The Arabic version of *Enn.* IV 7 [2] and its Greek model", citado na nota 50.

65. Encontra-se, portanto, na edição porfiriana, esta situação um pouco estranha, a saber, que recapitulação de IV 7 que abra IV 2 chega antes do texto que ela recapitula. Deve-se crer que o aspecto recapitulativo do início de IV 2 escapou a Porfírio, o que constitui no entanto uma falta editorial, ou pelo menos uma negligência.

66. É. Bréhier, apesar de publicar o texto bom ἐν ἀσωμάτοις, traduziu de modo errado: "entre os seres corporais".

67. O particípio ἀφέντες apresenta uma certa ambigüidade, pois pode significar aqui tanto "rejeitar", "afastar" (trad. de Bouillet), quanto "abandonar" (trad. de Bréhier), ou "omitir", "deixar de lado". O primeiro sentido nos parece preferível, pois não se vê bem por que, na recapitulação de IV 2, Plotino teria mencionado a enteléquia, se fosse para dizer que ele a omitiria, enquanto que em 85 ele a rejeita.

68. Proclo, *In Remp.* I, p. 267. 22-28 Kroll.

69. Proclus, *Commentaire sur la République*, Traduction et notes par A.-J. Festugière, II, Vrin, Paris, 1970 (Bibliothèque des textes philosophiques), p. 75.

o árabe nos dá é um testemunho de que o texto eneádico antedatava o arquétipo...pode-se usar a versão árabe como um testemunho adicional para reconstruir, através da comparação com a citação de Eusébio, aquilo que o texto eneádico original poderia ter sido nas seções B e C].

Para irmos na mesma direção que Kraus e Schwyzer, nós lembraremos que existe uma prova objetiva do fato de a passagem sobre a enteléquia fazia com efeito parte das *Enéadas*. Na origem, na ordem cronológica, o tratado 2 [= *En.* IV 7] vinha antes do tratado 4 [= *En.* IV 2]. Mas acontece que, nas *Enéadas*, IV 2 começa por um resumo que lembra as grandes conclusões de IV 7. Ora, esse resumo presume a enteléquia⁶⁵. Eis seu texto:

Buscando o que é a essência da alma, tendo mostrado que ela em nada é um corpo [= IV 7, 1, 8³], e também que ela não é uma harmonia entre os incorpóreos⁶⁶ [= 8⁴], tendo afastado⁶⁷ a definição da alma como enteléquia porque ela não é verdadeira do modo como se a expõe e porque ela não indica o que é a alma [8⁵], e tendo dito que a alma participa com certeza da essência inteligível e da ordem divina [9-14], talvez possamos nós dizer alguma coisa mais clara sobre sua essência. No entanto, seria melhor seguir adiante".

A presença dessa recapitulação é uma prova indubitável de que o capítulo sobre a enteléquia pertence de fato na origem às *Enéadas*.

Enfim, Richard Goulet nos assinala um detalhe, que até aqui não foi, no nosso conhecimento, jamais levado em consideração para o problema que nos ocupa. No primeiro livro de seu Comentário sobre a *República*⁶⁸, Proclo parafraseia uma passagem de Plotino:

δηλον ὅτι πᾶσα δύναμις ἀσώματός ἐστιν κατ' αὐτόν· πᾶν γὰρ σῶμα πεπερασμένον σχήματος μετέχει πάντως. καὶ διὰ τοῦτο ἀληθές καὶ ὅπερ ὁ Πλωτίνος φησιν, τὸ καὶ ἐν μεγάλοις σώμασιν εἶναι δυνάμεις οὐ μεγάλας καὶ ἐν μικροῖς οὐ μικράς, τῶν ὄγκων οὐ προστιθέντων ταῖς δυνάμεσιν ἢ ἐλαττούντων αὐτάς.

É evidente que toda potência é incorpórea segundo ele [= Platão]. Com efeito, todo corpo que

tem limites participa, em toda hipótese, de uma figura. É por isso que é igualmente verdadeiro o que diz Plotino, a saber, que em corpos grandes há potências que não são grandes e que em pequenos há potências que não são pequenas, os volumes não acrescentando às potências nem as diminuindo.

A qual passagem de Plotino Proclo faz alusão? Kroll, o editor do comentário de Proclo, e Festugière, em sua tradução desse comentário⁶⁹, remetem a uma passagem de IV 7. Ora, este se encontra precisamente na perícope B, que nós conhecemos somente por Eusébio. Eis o texto de Plotino:

Εἰ σώματα ἦσαν αἱ δυνάμεις, ἀναγκαῖον ἦν τὰς μὲν ἰσχυράς τῶν δυναμένων μεγάλους ὄγκους, τὰς δὲ ὀλίγον δρᾶν δυναμένας ὄγκους μικροὺς εἶναι.

Se as potências fossem corpos, seria necessário que aquelas dentre as potências que são fortes fossem grandes volumes e que aquelas que são capazes de pouco agir sejam pequenos volumes.

Seria possível sugerir-se que Proclo tinha essa opinião plotiniana dos *Escólios* de Amélio, que tinham registrado o ensinamento oral de Plotino. Em seu *Comentário sobre o Timeu*, Proclo relata com efeito uma teoria que Amélio dizia ter das ἄγραφοι συνουσίαι de Plotino⁷⁰, então não é impossível que ele mesmo tenha conhecido os cem livros de *Escólios* de Amélio⁷¹. Também não se poderia excluir que Amélio tenha falado dessa teoria em um de seus comentários. Vários testemunhos, entretanto, confirmam que Proclo dispunha da edição das *Enéadas* e que as comentou total ou parcialmente⁷². Lembremos aqui somente o *Scholion* sobre o título do *De mysteriis* de Jâmblico⁷³, redigido por Miguel Pselo, em que este último escreve: Ἰστέον ὅτι ὁ φιλόσοφος Πρόκλος, ὑπομνηματίζων τὰς τοῦ μεγάλου Πλωτίνου Ἐννεάδας, λέγει ὅτι..., "Deve-se saber que o filósofo Proclo, comentando as *Enéadas* do grande Plotino, diz que...", atestando assim que Proclo dispunha das *Enéadas*.

Temos, então, com essa citação por Proclo de uma passagem que não foi conservada senão por Eusébio, um indício suplementar de que a perícope B

de IV 7 pertencia mesmo às *Enéadas*. De fato, Henry conhecia esse texto de Proclo, ao qual ele remetia em seus *États*⁷⁴ e do qual dizia: “Proclo faz alusão a essas linhas de Plotino”, mas ele não parece tirar disso a consequência que se impunha. Ele escreve, no entanto⁷⁵: “essa citação prova que a grande lacuna da tradição direta é posterior ao VIº s.”. Era preciso ir mais longe. Essa citação convida a pensar que, se Proclo podia ainda ler a perícope B nas *Enéadas*, nada impede que Eusébio no IVº s. tenha tido em mãos uma edição das *Enéadas* que comportava a passagem ausente da tradição direta, ou pelo menos não é necessário supor que Eusébio tinha uma versão pré-porfiriana dos tratados plotinianos.

Enfim, nós dispomos de um elemento concreto, que prova que Eusébio tinha mesmo em mãos as *Enéadas*, mas que jamais foi explorado neste contexto: em *P.E.* XV 10, ocorre que o título *Περὶ ἀθανασίας ψυχῆς* é o título das *Enéadas*, e não o do quadro cronológico, no qual a ordem das palavras está invertida: *Περὶ ψυχῆς ἀθανασίας*. Como explicar que o extrato de Eusébio leve o título da edição porfiriana, senão admitindo que Eusébio tinha efetivamente em mãos essa edição?

Em conclusão, a *P.E.* de Eusébio nos revela uma grande lacuna, devida à queda de vários fólhos, na tradição manuscrita da *Enéada* IV 7 (= perícopes B e C). Os editores Henry e Schwyzer tiveram razão em inserir em sua edição das *Enéadas* as duas passagens presentes somente em Eusébio. Assim, as três perícopes A, B, e C se encadeiam perfeitamente. Plotino recusa sucessivamente as posições materialistas: a dos Estóicos que consideravam a alma um *óōiā*, mais precisamente como um *pneu=ma*, em seguida a posição pitagórica da alma como harmonia do corpo, enfim a posição aristotélica da alma como entelêquia do corpo organizado. As *Enéadas*, até o Vº século e talvez além, comportavam com efeito as perícopes B e C. A presença das perícopes em Eusébio pode portanto explicar-se de modo outro que a utilização de uma edição pré-porfiriana e, por via de consequência, é absolutamente possível, senão provável, que os tratados plotinianos citados na *P.E.* provenham da recensão porfiriana.

4. Outras hipóteses aventadas concernindo à proveniência dos tratados plotinianos

J. Rist⁷⁶, sugeriu que o material plotiniano consignado na *P.E.* de Eusébio podia provir dos exemplares de tratados plotinianos que Amélio, no início de 269, levava consigo em sua viagem a Apaméia da Síria (cf. *V.P.* 19. 19-27). Amélio devia ter levado um grande número de tratados, porque Longino, em uma carta endereçada desde a Fenícia para Porfírio, então em Lílibe na Sicília, diz a propósito dos tratados plotinianos: “Possuo todos quantos me parecem ser, mais os que agora me envias” (*V.P.* 19. 20), o que significa que Longino, em 269, conseguira fazer recopiar todos os tratados que lhe levava Amélio, bem como os que lhe tinha enviado Porfírio (a carta, com efeito, foi escrita depois de 269, data da partida de Amélio para Apaméia, e antes de 272, data da tomada de Palmira, onde Aureliano fez prisioneiro Zenóbia e seus conselheiros, Longino entre eles). Rist supõe que alguém, por exemplo, Pânfilo – o sacerdote que deu à biblioteca de Cesaréia as obras de Orígenes e as de outros autores eclesiásticos –, pudera conseguir para si os exemplares de Amélio, ou as cópias feitas por Longino, e que ele os pusera na biblioteca de Cesaréia, talvez depois de 270, data da morte de Plotino, ou pelo menos trinta anos antes de Eusébio escrever a *Preparação*. Acima de uma edição hipotética de Eustóquio, Rist privilegia a rede Amélio-Longino.

There may have been an edition by Eustochius, but there is no particular reason at all why Eusebius should have used it; after all it was probably issued in Italy. Much more likely, it seems to me, is that Eusebius' version derives either from the treatises in the hands of Amelius or from a copy of these or from some other source such as Longinus. Amelius, we recall, had a good deal, but not all, of Plotinus, and Eusebius knew the writings of Amelius, or at least his comments on John's Gospel. Perhaps the school of Amelius did indeed affect the Christian community at Caesarea, either in the time of Pamphilus or in that of Eusebius himself. This seems to be at least the likeliest alternative...But we should recall

70. Proclo, *In Tim.* II, p. 213.9-11 Diehl.

71. Cf. *Vita Plotini* 3.46-47; 4.5-6.

72. Ver R. Beutler, art. “Proklos”, *RE* XXIII 1, 1957, col. 198, que indica esses diferentes testemunhos.

73. Esse *Scholion* figura no início da edição do *De Mysteriis* de Jámblico por É. Des Places, p. 38.

74. Henry, *États*, p. 111.

75. *Ibid.*, p. 226.

76. Ver referência na nota 10.

that Amelius did not publish an edition of Plotinus: he had a collection of material. So there is no reason to suppose that all his material reached Eusebius. In fact Eusebius may well have know little if any more than the two treatises of Plotinus which he quotes" (p. 163-64) [Pode ter havido uma edição feita por Eustóquio, mas não há absolutamente nenhuma razão em particular pela qual Eusébio a teria usado; afinal, ela provavelmente foi lançada na Itália. Muito mais provável, me parece, é que a versão de Eusébio derive ou dos tratados nas mãos de Amélio, ou de uma cópia destes, ou de alguma outra fonte como Longino. Amélio, nós o lembramos, tinha bastante, mas não tudo, de Plotino, e Eusébio conhecia os escritos de Amélio, ou pelo menos seus comentários ao Evangelho de João. Talvez a escola de Amélio tenha de fato afetado a comunidade cristã em Cesaréia, seja no tempo de Pânfilo, seja no do próprio Eusébio. Essa parece ser, pelo menos, a alternativa mais provável...Mas devemos lembrar que Amélio não publicou uma edição de Plotino: ele tinha uma compilação do material. Portanto, não há razão para supor que todo seu material tenha chegado a Eusébio. Na verdade, Eusébio bem pode ter conhecido pouco ou nada além dos dois tratados de Plotino que ele cita].

P. Kalligas, retomando a tese de Rist, a desenvolveu e lhe conferiu um vigor maior num estudo recente, que merece toda nossa atenção⁷⁷. Os dois tratados plotinianos que cita Eusébio, a saber, IV 7 e V 1, proviriam, segundo Kalligas, da biblioteca de Longino. Em sua carta a Porfírio (V.P. 19. 25-26), Longino evocava com efeito os tratados τὰ Περί ψυχῆς e τὰ Περί τοῦ ὄντος, precisando que ele os tinha feito copiar sobre os exemplares que Amélio lhe tinha levado, que ele tinha o mais vivo desejo de examiná-los, mas que eram os tratados mais faltosos que ele possuía. Apesar de seus títulos imprecisos em Longino, esses tratados poderiam, segundo Kalligas, ser identificados a IV 7 e V 1, isto é, precisamente aos dois tratados citados por Eusébio. O tratado IV 7, de que dispunha Eusébio no momento em que redigia os capítulos XV 10 e 22 da P.E., corresponderia aos τὰ Περί ψυχῆς mencionados por Longino, ao passo que o tratado V 1, citado por Eusébio em P.E. XI 17, deveria ser identificado aos τὰ Περί τοῦ ὄντος evocados na

mesma carta. Para explicar como os dois tratados plotinianos chegaram a Cesaréia, Kalligas sugere que, após a queda de Zenóbia e a execução de Longino em 272, a biblioteca deste último, em Palmira, não teria sido transportada para Roma para enriquecer o triunfo de Aureliano, mas teria sido confiscada pelas forças de ocupação romanas e, assim, teria caído sob o controle do Estado romano. No início do IVº século, quando se preparava para terminar sua *Preparação evangélica*, Eusébio, que era próximo de Constantino, teria tido acesso a essa biblioteca de Longino, que continha as cópias dos tratados de Plotino feitas sobre os exemplares de Amélio. Assim, Eusébio teria conhecido, nessa época, uma seleção importante de obras platônicas dos dois séculos anteriores. O acesso a essa rica biblioteca explicaria por que, nos dez primeiros livros, Eusébio ataca os gregos como impostores e plagiadores, enquanto que a partir do livro XI ele adota uma atitude conciliadora e considera os gregos como pensadores sérios, notadamente Platão, que é apresentado como inteiramente digno de admiração. Kalligas, enfim, faz notar que os autores citados na P.E. XI-XV (Platão, certamente, notadamente as *Leis* e a *República*, Ático, Numênio, Plotino, Amélio, Porfírio, Severo, o próprio Longino) são aqueles que se espera encontrar na biblioteca de Longino, conselheiro da rainha Zenóbia em Palmira.

Toda essa hipótese repousa sobre a identificação proposta dos tratados mencionados por Longino (V.P. 19. 25-26). Essa questão merece ser examinada de perto.

- τὰ Περί ψυχῆς / IV 7?

Kalligas⁷⁸ propõe identificar os tratados evocados por Longino como τὰ Περί ψυχῆς e τὰ Περί τοῦ ὄντος com os tratados IV 7 e V 1 de Plotino, respectivamente. Apoiando-se nessas duas constatações, cuja importância nós já contestamos mais acima⁷⁹, ele faz notar que a expressão τὰ Περί ψυχῆς corresponde a um tratado comportando mais de um livro, o que é o caso de IV 7 em Eusébio, a se julgar pelo δευτέρου e pelo α' que acompanham a intitulação de IV 7 na P.E. XV 10 e 22; quanto ao fato de que o tratado IV 7 leva em Eusébio dois títulos diferentes (Περί ἀθανασίας ψυχῆς em XV 10 e

77. P. Kalligas, "Traces of Longinus' Library in Eusebius' *Preparatio Evangelica*", *Classical Quarterly* 51 (2001), p. 584-98. Tenho que exprimir meu vivo reconhecimento a Paul Kalligas pela trocas amistosas que pudemos ter sobre esses problemas. Mesmo que, no fim dessas trocas, nenhum de nós tenha mudado fundamentalmente de opinião, pudemos assim explicitar nossas posições, o que já é cientificamente bastante positivo.

78. *Ibid.*, p. 588.

79. Sobre τὰ que, nesse gênero de formulação, implicaria necessariamente mais de um livro, e sobre a divisão de IV 7 em mais de livro, ver a seção 2 deste artigo.

Περὶ ψυχῆς em XV 22), a única explicação razoável seria que ele tinha os dois títulos, um como seu *incipit* e o outro como seu *explicit*, o que em si não tão improvável quanto se possa pensar, uma vez que Plotino não dava, ele mesmo, títulos às suas obras e que estas podiam circular sob títulos diferentes (V.P. 4, 17-18). Kalligas conclui uma identificação que, aos seus olhos, se impõe: “It seems quite probable, then, that the work excerpted by Eusebius was none other than the treatise which had come into the possession of Longinus” [Parece totalmente provável, então, que a obra extraída por Eusébio não era outra que o tratado que tinha chegado ao poder de Longino].

Mas Henry e Schwyzer⁸⁰, em sua edição da *Vita Plotini*, tinham proposto identificar os tratados τὰ Περὶ ψυχῆς mencionados por Longino aos tratados IV 3, 4 e 5 de Plotino. Essa sugestão, que parece não ter chamado a atenção de Kalligas, nos parece credível. O título de Longino corresponde precisamente ao título que levavam esses três tratados no quadro cronológico da *Vita Plotini* (V.P. 5. 20-15), isto é, anteriormente à edição das *Enéadas*. No escólio à *En.* IV 4, 29. 55, que faz menção de τοῖς Εὐτοχίου, trata-se igualmente do segundo e do terceiro livro Περὶ ψυχῆς, ou seja, da *Enéada* IV 4 e 5. No quadro cronológico e no escólio, os tratados levavam então o mesmo título que em Longino, o que não é o caso do tratado IV 7, intitulado, no quadro cronológico, Περὶ ἀθανασίας ψυχῆς (V.P. 4. 25). Parece, portanto, legítimo identificar os tratados evocados por Longino à *Enéada* IV 3, 4 e 5, e distingui-los do tratado IV 7 citado por Eusébio.

– τὰ Περὶ τοῦ ὄντος / V 1?

Kalligas propõe identificar os tratados τὰ Περὶ τοῦ ὄντος de Longino com o tratado V 1 de Plotino. Mas Henry e Schwyzer⁸¹, de sua parte, tinham sugerido que eram os tratados VI 1, 2 e 3, que levam o título Περὶ τῶν γενῶν τοῦ ὄντος, nas *Enéadas*, e Περὶ τῶν τοῦ ὄντος γενῶν, no quadro cronológico, que correspondiam aos τὰ Περὶ τοῦ ὄντος de Longino. Kalligas, desta vez, toma posição contra a sugestão de Henry e Schwyzer, aventando dois argumentos. Ele, de início, faz valer que VI 1-3 tratam das categorias do ser, e não do

ser enquanto tal⁸². O argumento tem apenas um alcance limitado. Não se lê, em VI 2, 1. 16-17: “Uma vez que fazemos uma busca sobre o ser ou sobre os seres, devemos de início distinguir entre o que nós, de nossa parte, chamamos o ser, sobre o qual nossa investigação poderia ser feita agora, e o que os outros pensam que é o ser – que nós chamamos aquilo que devém e que jamais é realmente ser”? Parece difícil negar que os tratados VI 1, 2 e 3: Περὶ τῶν γενῶν τοῦ ὄντος tratem antes em primeiro lugar do ser e que Longino possa ter-lhes feito alusão ao chamá-los τὰ Περὶ τοῦ ὄντος.

O segundo argumento aventado por Kalligas contra a identificação proposta por Henry e Schwyzer é de ordem cronológica. Porfírio, em seu quadro cronológico, (V.P. 5, 51-55), data os tratados VI 1, 2 e 3 de um pouco antes de sua partida de Roma, em 268. Lembrando que Porfírio, desde antes de sua partida para a Sicília, podia ter começado a revisão e a correção dos tratados que lhe confiara Plotino (V.P. 7. 51; 24. 2-3), Kalligas conclui que, se os tratados τὰ Περὶ τοῦ ὄντος fossem VI 1, 2 e 3, eles teriam sido revisados. Ora, Longino se queixa do caráter particularmente faltoso desses tratados. É por isso que Kalligas prefere identificar os tratados τὰ Περὶ τοῦ ὄντος de que fala Longino com V 1, um tratado composto durante o período anterior à vinda de Porfírio (em 263), que era de fato o décimo na ordem cronológica.

O argumento de Kalligas contra VI 1-3 poderia igualmente ser dirigido contra V 1, na medida em que Porfírio teria tido todo o tempo de corrigir igualmente este tratado mais antigo, fosse ele anterior à sua chegada a Roma. A missão aceita por Porfírio não implicava nenhuma restrição no *corpus* das obras de Plotino⁸³. Por outro lado, não é certo que, mesmo corrigidos por Porfírio, os tratados de Plotino não tenham suscitado a mesma crítica da parte de Longino, pois Porfírio reconhece o caráter abrupto do estilo de seu mestre, e a qualidade que ele atribui às cópias de Amélio permite supor que ele sem dúvida não tinha o projeto de intervir a esse nível: “As cópias que ele [Longino] tinha adquirido a partir dos exemplares de Amélio, ele as julgava faltosas porque ignorava a maneira habitual de se exprimir do personagem [i. e. Plotino]. Pois, se havia

80. Cf. *Editio minor*, I, p. 23, em comentário à V.P. 19. 25 e 26.

81. Cf. *Ibid.*

82. Kalligas, “Traces of Longinus’ Library”, p. 588, n. 25.

83. Ver V.P. 24.2-5: “Uma vez que ele mesmo nos confiou o cuidado de assegurar a organização e a correção de seus livros, e que prometi a ele, ainda vivo, cumprir essa tarefa e me comprometi também com outros companheiros...”

cópias bem revisadas, essas eram justamente as de Amélio, por terem sido tomadas sobre os originais” (V.P. 20. 5-9).

Kalligas, aliás, tem o cuidado de responder a uma objeção que poderia ser feita à sua identificação: por que Longino teria intitulado Περί τοῦ ὄντος um tratado que, tanto no quadro cronológico como nas *Enéadas*, leva o título Περί τῶν τριῶν ἀρχικῶν ὑποστάσεων? Talvez, pensa Kalligas, porque Longino, mais conservador e mais próximo das doutrinas medioplatônicas concernindo à natureza do Primeiro Princípio, era reservado em relação às teorias plotinianas (V.P. 19. 36-37); a teoria plotiniana das três hipóstases, notadamente a doutrina da transcendência do Uno em relação à realidade inteligível era acolhida com ceticismo no meio platônico contemporâneo. Ele teria, então, preferido não citar o tratado com um título assim contrário às suas convicções, ainda mais porque ele ainda não tivera a possibilidade de percorrer em detalhe o conteúdo desse tratado. Ademais, o fato de que os títulos não sejam obra do próprio Plotino podia incitá-lo a usar um outro título que aquele que conhecemos. Essa explicação é possível em teoria, mas nenhum indício concreto nos convida a pensar que o tratado tenha em algum momento levado um outro título.

A tese de Kalligas se apóia igualmente sobre a idéia de que o comportamento de Eusébio em relação a Platão teria evoluído a partir do livro XI da *Preparação evangélica*. Apesar de, nos dez primeiros livros, ele se mostrar assaz duro em relação a esses plagiadores que são os gregos, ele se põe a citar numerosas obras platônicas dos dois séculos anteriores numa atitude de espírito conciliador. Ora, uma tal reviravolta se explicaria de fato se Eusébio tivesse tido um acesso súbito a uma coleção de obras platônicas proveniente da biblioteca de Longino. Essa interpretação, em si muito interessante, merece também ela ser discutida. Antes do mais, notemos que Platão e os platônicos dos dois séculos anteriores a Eusébio já estavam bem presentes nos livros I a X da *P.E.* Mancheias de obras de Platão são citadas e Eusébio faz apelo a Porfírio diversas vezes (ele cita o *De abstinentia*, a *Carta a Anébon*, a *Filosofia dos oráculos*, o *Tratado sobre as imagens*,

a *Philologos akroasis* e o tratado *Contra os cristãos*). Pode-se dizer que a atitude de Eusébio muda a partir do livro XI? Na realidade, Eusébio previra que a *P.E.* observaria um plano e nada fez senão ater-se a esse plano. Eis como Guy Schroeder, editor do livro VII da *P.E.* na coleção *Sources Chrétiennes* (Éditions du Cerf), define os objetivos de Eusébio (p. 15 de sua edição): “a) os livros I-VI refutam os politeísmos gregos e bárbaros, mostrando a absurdidade de seus mitos e o erro de suas doutrinas (oráculos, sacrifícios, destino); b) os livros VII-IX apresentam os hebreus e os judeus seus sucessores como os iniciadores da verdadeira filosofia; c) os livros X-XV confirmam a escolha em favor dos hebreus, que prevalecem sobre toda a filosofia grega: Moisés é ao mesmo tempo anterior e superior a Platão, que o plagiou”. Não nos surpreenderemos, então, que seja sobretudo nos últimos livros consagrados especificamente à filosofia grega que Eusébio tenha feito apelo aos platônicos dos dois séculos precedentes. Ele podia dispor anteriormente de todas as obras desses filósofos, sem ter sentido a necessidade de servir-se dele tão massivamente, apenas e simplesmente porque ele ainda não tinha chegado ao momento em que deveria tratar da filosofia grega. Ademais, é verdadeiro que Eusébio, a partir do livro XI, encontra-se muito mais disposto com relação a Platão e aos platônicos do que nos livros precedentes? E preciso, mesmo assim, notar que, nos dez primeiros livros, sua opinião sobre Platão não era negativa. Em III 6. 7, ele atribui a Platão raciocínios exatos (λογισμοῖς ὀρθοῖς); em V 4. 4, ele está de acordo com os que dizem que Platão, ao imaginar a matéria subjacente às qualidades aparentes dos corpos, livrou os filósofos de numerosos e graves dificuldades; e, em V 32. 2, ele qualifica a Platão γενναῖος, nobre – o que é, todavia, um adjetivo bastante valorativo –, porque ele teve, a seus olhos, o mérito de banir Homero de sua República. A bem dizer, Eusébio sempre teve estima e admiração por Platão, mas é normal que seja nos livros em que trata da filosofia grega como tal e em que mergulha nos escritos platônicos, que ele tenha insistido maximamente na envergadura do pensamento do filósofo – que, contudo, permanece a seus olhos muito aquém de Moisés e dos hebreus.

Sem excluir *a priori* que Eusébio possa ter tido um contato súbito com a biblioteca de Longino, temos dificuldade de reconhecer, a partir do livro XI da *Preparação evangélica*, uma mudança de atitude radical em Eusébio com relação a Platão e aos platônicos.

Portanto, não estamos convencidas de pelos argumentos que aventou P. Kalligas, mesmo que sua hipótese seja engenhosa e teoricamente possível. Uma das conseqüências que se pode tirar de sua interpretação é que Eusébio seguia um texto diferente das *Enéadas*. Ora, nós mostramos que nenhum dos argumentos que vai contra a utilização das *Enéadas* por Eusébio resiste à análise. Do mais, essa tese restringe a difusão dos tratados de Plotino a uma só via de transmissão: os tratados que Longino fez copiar sobre os exemplares de Amélio⁸⁴. Mas seria falso imaginar que os tratados plotinianos conhecessem no Oriente, no IVº s., apenas uma difusão assim confidencial. Eunápio de Sardes afirma o contrário, no fim do IVº s., nas suas *Vidas dos filósofos e dos sofistas*: “Os livros de Plotino não estão com mais freqüência que os diálogos platônicos somente nas mãos das pessoas cultivadas, mas a massa numerosa, mesmo que compreenda de modo equivocado as doutrinas, inclina-se diante deles”⁸⁵. Mesmo supondo que Eunápio exagere um pouco e que os escritos plotinianos tenham sido mais conhecidos nessa época em meios pagãos do que em meios cristãos, manifestamente os tratados de Plotino circulavam no Oriente no IVº s.

5. Conclusão

Nenhuma razão sólida permite manter a hipótese de uma versão pré-porfiriana para explicar a proveniência das cópias dos tratados plotinianos de que dispunha Eusébio, no momento da redação dos livros XI e XV da *Preparação evangélica*. Se deixamos de lado a hipótese, sempre possível, de uma compilação preexistente em que Eusébio poderia ter encontrado os extratos que ele cita, como é o caso para um bom número de passagens mencionadas na *Preparação evangélica*, a hipótese das *Enéadas* é a que hoje se impõe com força em razão notadamente do testemunho da *Pseudo-Teologia de Aristóteles*, ao qual vem juntar-se o de Proclo em seu *Comentário sobre a República*. Nós constatamos que todos os argumentos que se opunham a que Eusébio tenha tido em mãos as *Enéadas* podiam ser refutados, notadamente aquele da suposta divisão de IV 7 e o da grande lacuna desse mesmo tratado, e que aqueles que pretendiam apoiar a presença de uma edição pré-porfiriana em Cesaréia, no tempo de Eusébio, não eram determinantes. Como parece estabelecido que, no Vº s., circulava ainda uma edição das *Enéadas* que tinha um texto completo do tratado IV 7 – cujo título, aliás, Eusébio cita na versão das *Enéadas* –, nada impede que, no IVº s., Eusébio tomado o texto dos tratados que ele cita da edição *Enéadas*⁸⁶.

84. Encontrava-se em Rist a idéia de que Eusébio podia conhecer apenas os dois tratados que cita. Essa idéia é retomada por Carriker, *The Library of Eusebius of Caesarea*, p. 108-12. Outras proveniências além da de Longino podem, a propósito, ser imaginadas. Por exemplo: R. M. Grant, “Porphyry among the early Christians”, em W. den Boer et. al. (ed.), *Romanitas et Christianitas*, Mélanges J. H. Waszink, North Holland Publishing Company, Amsterdam, 1973, p. 171-88, tinha sugerido que um certo Anatólio, discípulo de Porfírio, ao qual este dedicou duas *Questões homéricas*, e que foi o primeiro a mestre de Jámblico (Eunápio, *Vidas dos filósofos e dos sofistas* V 1, 2), podia ter introduzido na biblioteca de Cesaréia as obras de Porfírio. Ele também poderia ter feito entrar nela tratados plotinianos!

85. Eunápio, *Vidas dos filósofos e dos sofistas* III 3, p. 5.23-5.3 Giangrande.

86. Pânfilo, que fizera numerosas aquisições para a biblioteca de Cesaréia, pode ter feito entrar um exemplar das *Enéadas* antes de sua morte como mártir em 16 de fevereiro de 310.